

NO III N.º 153
20
ABRIL
1943
PREÇO AVULSO
SC. 1\$50

ONDE ESTÃO OS ADMIRADORES DE MARIA GABRIELA?

A popular vedeta — voz de oiro da nossa rádio — vai em 4.º lugar no CONCURSO “QUAL A VEDETA MAIS POPULAR DA NOSSA RADIO”? PORQUE NÃO LHE DÃO O LUGAR QUE MERECE, VOTANDO NELA?



Maria Gabriela cantando uma canção no novo filme “A menina da Rádio”

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

Poema das meninas tristes

ELAS passam tristes, muito tristes, e eu fico a vê-las passar. Vão silenciosas, olhando as pedras da calçada, mas os seus olhos não têm brilho.

Menina triste porque vais tão triste?

Menina triste que pensar é o teu?

Não me respondem, não me ouvem, não sabem sequer que eu existo. E passam pela minha rua, como se fôsem sombras que andassem por ali pensando...

Menina triste, levavas nos olhos um sonho. Não mintas, que eu sei. Um sonho de cavaleiros andantes e trovadores de outro tempo. Mas para quê, menina triste, para quê, se tu vives entre as quatro paredes dum quarto pequeno, sem luz e sem música?

Pobres meninas tristes!... Quando as vejo passar na minha rua sinto vontade de lhes gritar que a vida não é isso, que a vida não está nas pedras da calçada e, sim, nos trinados dos pássaros e, sim, no perfume das flores e, sim, no brilho do sol...

Menina triste, que não tiveste bonecas de porcelana, nem combóios com fumo, nem urso de música na barriga... Menina triste que não te lembras da tua mãe, nem do teu pai, nem do teu irmão, nem da tua casa... Menina triste que não possues esperanças, que não possues ansiedades, que não possues ambições... Menina triste, palhaça à vontade dos outros — afinal que pretendes tu da vida?

Eu sei, meninas tristes, eu sei... Eu sei, meninas tristes, que a culpa não é vossa, que a culpa é dos outros... Eu sei, meninas tristes, que nascestes iguais às outras meninas...

Mas o que me faz pena é vê-las tão caladas, tão silenciosas, olhando as pedras da calçada e passando tristes, muito tristes, aos bandos...

Mas o que me faz dó é pensar que já se acostumaram a essa vida, que estão de acordo com o mundo vazio para onde as atiraram...

Mas o que me revolta — é que vocês não queiram cantar e não queiram viver e não queiram deixar de ser meninas tristes!

GENTIL MARQUES



A Sinagoga dos portugueses

E possível que existam ainda portugueses desconhecedores dessa admirável água-forte intitulada «A Sinagoga dos portugueses», em que o genial Rembrandt fixou com a sua arte inconfundível um trecho da nossa Lisboa.

Em «A Sinagoga dos portugueses» — um quadro que constitui um interessante documento para a história dos judeus expulsos de Portugal por D. Manuel — Rembrandt retratou com grande verdade, autêntico detalhe e cunho próprio, o espírito do povo hebreu.

De facto, nessas máscaras vê-se todo o romance trágico duma raça. Mas uma vez a verdade foi uma das grandes tintas das telas do mestre.

E, afinal, quanto êle sofreu toda a sua vida por causa da verdade?! A vida de Rembrandt tem quasi sabores de lenda.

Filho dum moleiro obscuro, cêdo enfileirou entre os alunos da Academia de Leyde e, em 1620, foi discípulo do pintor Jacob von Swenburch.

Diante da decidida vocação que o rapaz demonstrava para a pintura, o pai não o contrariou e deixou-o seguir a carreira artística.

Foi aí, na sua mocidade, rodeado pela miséria, que êle começou a célebre série dos seus auto-retratos. Um dia descobriu a um canto do seu quarto lóbrego e sujo um antigo espelho de vidro, já baço e partido.

Vendo-se nêle, começou a retratar-se a si próprio. E, mais tarde, quando no auge da fama, transformou essa preocupação em método prático; e, mais tarde ainda, de novo na miséria, êle continuou bizarramente a auto-retratar-se para a posteridade.

Rembrandt não necessitou de muito tempo para grangear popularidade. As suas telas falavam por êle e pelo seu talento. Basta dizer que, apenas com vinte anos, já possuía um numeroso grupo de discípulos.

E com o quadro «Arrependimento de Judas» confirmou, de vez, o seu acesso à glória. Vários colecionadores ricos acorriam ao velho moinho de Leyde para adquirirem as obras do jovem prodígio. E logo que essas obras começaram a circular na capital holandesa, o nome de Rembrandt tornou-se conhecido e respeitado.

Assim, surgiu a primeira encomenda vinda de Amsterdam. O pintor ficou boquiaberto. Seria possível? Então Amsterdam não possui o grande Keyser, o artista da moda? Mas era verdade, verdade absoluta. Muitas e muitas encomendas se seguiram a essa.

E um dia, depois de seu pai ter morrido, Rembrandt resolveu tentar a grande aventura. Abalou para Amsterdam.

Aí trabalhou, dia e noite, esbanjando energia e talento, mas conseguindo vencer. Vitorioso, Rembrandt deixou-se apaixonar por Saskia, a linda fada que o arrebatao desde o primeiro instante.

Durante anos, Rembrandt foi o ídolo. Um ídolo triunfante e feliz! Contudo, um dia a sua boa estrela começou a escurecer, a fugir, a abandoná-lo...

Saskia morre nos seus braços de amante desesperado. Por esse tempo, êle terminava um quadro famoso chamado «A Ronda da Noite», em que Rembrandt retratara com toda a fidelidade e toda a verdade alguns componentes da guarda.

Esse foi o princípio do fim. Os retratados não gostaram — julgaram-se humilhados com a verdade!

E, a partir de então, a vida de Rembrandt transformou-se em odisséia.

Rembrandt, que fôra grande e poderoso, que vivera com o fausto dum príncipe, morreu na miséria, quasi ignorado dos seus contemporâneos, apesar de legar ao mundo algumas obras-primas pelo talento e pela verdade, como «A Ronda da Noite», «A Lição de Anatomia», «O boi esquartejado», «A Sinagoga dos Portugueses» e muitas outras...

História verdadeira de um grande amor!

ELE mora no Póço do Bispo. Num casa bonita, ajardinada, onde tudo lhe sorri. Há felicidade em casa. E êle, durante muito tempo sentiu-se ali como num verdadeiro céu aberto...

Ela vive na Rua dos Fanqueiros, nos estabelecimentos Albino Faria, L.^{da}. Não, não estejam a supôr que se trata de qualquer empregada do estabelecimento. Podemos apenas dizer, por agora, que vive lá em casa, que êle rida por todos... e que goza de privilégios especiais.

Pois, muito bem, agora que estão apresentados os personagens, podemos contar êsse romance simpático, lisboeta, que intitulamos de «História verdadeira dum grande amor».

Todos os dias de manhã, logo que a manhã despontava e o sol se espregui-

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

PODEM-ME informar, por acaso das razões que motivaram o aumento do preço de aluguer das almofadas no Campo Grande? Pois senhores: são as mesmas do ano passado, muito sujas, com aquela palha duríssima. Todavia, tal como os outros géneros de primeira necessidade, sofreram aumento de preço — e nada pequeno. de um escudo, passaram simplesmente para dois escudos e cinqüenta centavos. Não se sabe porquê. Geralmente nunca se sabe porquê... Mas a verdade é esta: as mesmas almofadas, de pano sujo e palha velha e ressequida, tiveram um aumento de cento e cinqüenta por cento. Há por aí alguém que esteja de acordo com isto?...

UM AFICCIONADO.

Vieram os célebres auto-carros da Carris — êsses auto-carros tão falados e afamados. Vieram e venceram, como diria o outro. Daqui, anónimamente, envio os meus agradecimentos à Carris. Mas há uma coisa que não está certa: é que se tivesse criado mais uma fonte de confusão e atropêlo. E ver os pobres e apressados passageiros apertarem-se, comprimirem-se na ânsia de uma entrada. Porque não arranja a Carris, a exemplo do que fez, e muito bem, com o elevador da Glória, um sistema de bilhetes para marcar a vez da entrada dos passageiros?

R. A. CANTOS

Sou um entusiasta do futebol. Durante a época dos jogos, nunca falto a um desajo. Não é para dizer isto que os venho incomodar, mas sim para me insurgir contra a má-criação de parte da assistência, que grita e insulta, sem respeito por aquêles que levam ali mulheres — espôsas, mães e irmãs.

Os campos da bola são hoje frequentados por elementos femininos. Ora não faz sentido que, debaixo

do entusiasmo, escapem algumas frases que podem ferir a susceptibilidade de qualquer educado espectador.

Porque não há-de a polícia pôr còbro a êstes desmandos? No teatro ninguém se lembra de insultar — e creio que é o futebol o único espectáculo público onde há menos respeito pelo alheio...

ANTONIO DO CARMO — Travessa do Campo Grande, 8, r/c.

Já lá vão umas semanas mas todos se recordam: mais uma pessoa que ficou debaixo do combóio. Sim, porque isto aqui no Bairro é uma coisa relativamente vulgar. Este ano é a terceira e hoje (lá veio a notícia no «Diário de Lisboa») ficou uma criança, que no dizer do rapazio tinha 3 buracos na cabeça. E muito naturalmente recordamos também aquela varina que ainda não há muito, pelo combóio, foi trucidada ou aquêle marinheiro que se dirigia para a Aviação Naval e que teve o mesmo destino. E outros, cuja identidade ignoro. Motivos? A passagem existente junto à Aviação Naval não tem guarda e a vedação a partir da passagem de nível que dá acesso à Fábrica do Gós, tem uns escassos 20 centímetros de altura e é formada por umas ervas...

A vedação que do Cais do Sodré a Alcantara é perfeita, a partir daqui até ao Bom Sucesso transforma-se num simples arame, mas daqui em diante, nem isso. Ainda há pouco um garoto, meu vizinho, que tem 7 anos, ia também ficando atropelado.

Uma vez que na nossa terra sòmente depois da casa rosbada se põem trancas às portas, acho que o número de vítimas já é suficiente para que se faça uma vedação própria, do local, sem dúvida um dos mais concorridos da linha do Estoril. O Bairro habitado por gente pobre, que não tem dinheiro para pagar a criadas que levem os meninos a passear constitui um verdadeiro perigo para quem, como eu, cá mora e tem filhos de tenra idade. Já que estou, como usa dizer-se, com a mão na massa, lembro também, senhor redactor, aquelas duas piscinas pequenas que existem junto ao Espelho de Água, e cuja profundidade é de molde a afogar qualquer criança que nelas tenha a infelicidade de cair. Porque não vazam estas duas piscinas?

(ASSINATURA ILEGIVEL)

Rapazigas dos mercados



As leitoras já as conhecem, em encontros de todas as manhãs. São elas que vendem o peixe, a fruta, os legumes, a hortaliça e as flores. As vezes, estão muito zangadas e torcem o nariz e amuam quando não se dá o preço que elas pedem. A vida custa a todos... Mas aqui as vemos, muito gentis, sorrindo para a objectiva do nosso fotógrafo.

(Fotos SERÓDIO)

REPORTER DOIS

Chegou carvão...



A grande conjuntura

NO mesmo dia em que uma agência americana telegrafava de Estocolmo (zona neutra) saber-se em Berlim que Roosevelt partirá de Washington ao encontro de Churchill, uma agência inglesa telegrafava de Berne (zona neutra) a dar conta de que Mussolini, Antonio Laval, Quisling, Pavelitch e outros dirigentes do Eixo e países submetidos marchavam para Berchsgaden ao encontro de Hitler...

Há aqui duas coisas a apontar: primeiro, a singularidade de vir da Alemanha a notícia das deslocações dos dirigentes aliados e vir por parte britânica a notícia da deslocação dos representantes do Eixo; segundo, o sinal evidente que se sente de ter chegado uma quadra própria para grandes decisões.

Este último aspecto proclama-se de muitos modos: o discurso de Cordell Hull; o adiamento da crise britânica com a decisão de manter Eden — o que pode significar, efectivamente, a falta de tempo para intervalos —; o bordejar das batalhas ao longo das fronteiras da Europa central; a remodelação do comando francês de Argel e o envio do general Koenig para Londres na qualidade de oficial de ligação francês junto do Quartel General da Invasão; a intensificação dos bombardeamentos aéreos destinados a «amolecer» a rede de comunicações de que pode servir-se o exército alemão; e até o apelo do «Arriba», de Madrid, no sentido de se tentar ainda uma paz que pudesse reconciliar todos perante a investida russa.

É bem de ver que a presença de uma tal conjunção de circunstâncias políticas e de perspectivas militares oferece razões de sobejo para uma grande expectativa. O poder alemão, dominando quasi um continente inteiro, sente chegada a hora de promover a mobilização da massa de todos os recursos de que pode ainda dispor, para guarnecer a frente russa, a frente italiana e toda a «costa de invasões». E neste pensamento que tem de filiar-se a transformação recentemente operada nos países do centro-leste europeu — Hungria, Roménia, Croácia, Bulgária — onde o intensificar do movimento de tropas alemãs permitiu que se fizesse de novo, da sua ocupação, quando, afinal, houve apenas um fortalecimento de guarnições e a tomada de novas posições para a batalha que vai ter os Carpatos por charneira principal.

Do mesmo passo, Eisenhower, do seu Quartel General de Londres, proclama aos aviadores das hostes sob o seu comando que vai chegar o momento de reclamar deles o esforço máximo, advertindo-os de que «teriam de passar mal dormidos e mal comidos durante semanas para expulsar os alemães dos ares».

É muita coisa junta. Mas o observador limita-se a dar conta do que vê — numa opulenta e impressionante conjuntura de acontecimentos. A verdade é que registar conjunturas — não é bem a mesma coisa que aventurarmo-nos em conjecturas...

J. R. S.

ESTADOS UNIDOS



“Lady Moe” enjouou...

MINHAS senhoras e meus senhores: temos a honra de lhes apresentar «Lady Moe», uma simpática burrinha de sete meses, comprada pela tripulação de uma «Fortaleza voadora» a um árabe do Norte de África...

Como não podia deixar de ser, «Lady Moe» tem uma história complicada e um dos seus biógrafos — algum dos tripulantes do avião — há-de um dia torná-la célebre no mundo. Por agora, limitamo-nos a dizer que a burrinha enjouou imenso, quando viajou para a América. Por sinal que a tragédia não esteve só no enjoo de «Lady Moe». Segundo relatam os jornais ingleses e americanos, a «fortaleza», no regresso, aproveitou a ocasião para deitar algumas bombas em Bordeaux. E, então, nem se faz ideia: «Lady Moe», com a trepidação horrível do aparelho, dava pulos que a fizeram, por duas vezes, bater com a cabeça no teto da cabina de rádio. Felizmente, não partiu a cabeça, de modo que pôde fazer o resto da viagem relativamente serena, com a máscara anti-gás aplicada ao focinho, sempre que subiam a grandes altitudes. Hoje, «Lady Moe» está calmamente entregue a algum prado «yankee», talvez saudável dos seus tempos de africana.

Aqui a vemos na foto, de mãozinhas penduradas, quando desce nos Estados Unidos, a deitar uma vista de olhos pelos seus novos domínios...

TEHERÃO

Era uma vez uma rainha...

A rainha do Irão — ou Malakeh, como ela própria se cognomina — poderia ser a heroína de um conto de fadas. Estrangeira na sua terra, pela beleza, pela bondade e pela juventude do seu rosto, é adorada por todos, não obstante ser a primeira rainha do Irão, descendente de uma dinastia estrangeira.

Como chegou, então, esta mulher das terras do Ocidente, ao palácio de Teherão?

A rainha Fawzia nasceu a 5 de Novembro de 1921, como a filha mais velha do rei do Egipto. Portanto, é irmã do actual rei Faruk. Educada à europeia, aprendeu a nadar, a andar de «ski», a jogar o «tennis», e, porque também se vestia à europeia, nunca conheceu o véu das mulheres de Alah. Em 1936, foi à Suíça com o irmão e as irmãs, onde encontrou também Mohamed Reza, príncipe herdeiro do Irão. Do que se passou então — depreendeu-se, quando em 1938 o noivado foi anunciado, constituindo uma verdadeira revolução nos costumes e leis do mundo muçulmano. Primeiro, porque política e religiosamente os dois países constituíram dois caminhos opostos; depois, porque a tradição exigia que a rainha do Irão fizesse parte do harem e que não representasse nenhum papel social no país.

Para abolir estas complicações, o ex-shah separou a religião do Estado e aboliu o uso do véu ou «chador».

Mas as coisas não se passaram depois como se supunha. Com a guerra, subia ao trono o príncipe herdeiro, genro do rei de um país amigo, casado com uma princesa egípcia, Fawzia, que era uma esposa feliz, passou, naturalmente, a ser



uma rainha inquietada pelas convulsões do seu povo.

Cecil Beaton, no seu livro «Próximo Oriente», diz que a rainha é mais bela e fotogénica de que uma estrela de cinema — do cinema que ela tanto aprecia e a que assiste quatro vezes por semana, numa casa de espectáculos da corte. «Malakeh», de resto, monta a cavalo, é excelente atradora e gosta de ver dançar. E como seu marido a ama e o povo e a filha de dois anos — a princesa Chahnas — a adoram, a história desta linda rainha, que podia ser heroína de um conto de fadas, não pode nunca fazer chorar. Nem mesmo quando ela suspira pelos amigos, parentes e criados do outro lado do Índico, descendentes de farás que o Nilo unge de fundo mistério...

Quatro anos de luta

QUANDO Portugal, a 9 de corrente, comemorava a derrota heróica de La Liza, os noruegueses ergulam a imagem da pátria no mais íntimo e ardente pensamento de ternura. E que, também a 9 de Abril, o progressivo, culto e trabalhador país escandinavo regista a sua derrota heróica de há quatro anos. De então para cá, o país ocupado não se cansa de levantar o seu protesto e de lutar pela soberana independência do seu território e dos seus cidadãos. Para tanto, os navios da Noruega sulcam todos os mares, porque a marinha mercante e de guerra norueguesa abrange muitas unidades e atinge muitos milhões de toneladas. Vinte e cinco

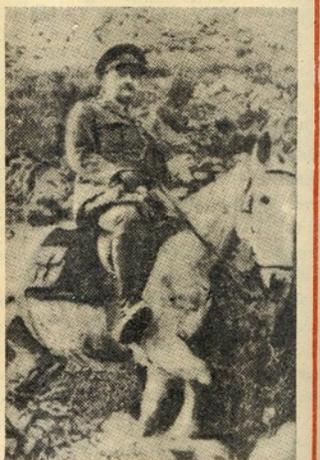
mil marinheiros andam em luta pelos mares, enquanto os soldados se exercitam, melhor apetrechados de que em 1940 — a Noruega era um povo pacífico! — muitas das forças armadas estando prontas para entrar numa luta de conjunto mais ampla.

A Noruega tem pressa de regressar a si própria — se é que alguma vez se ausentou de si mesma — de voltar aos seus trabalhos de fábrica e de campo, de laboratório e de Universidade — e todos sabem que a de Oslo, de nobres tradições, foi encerrada. Por isso os noruegueses têm pressa de regressar ao solo pátrio enquanto o rei Haakon, modelo de virtudes e firmeza, aguarda em território inglês a hora de voltar...

INGLATERRA

EM TEMPO DE GUERRA...

NÃO se limpam armas nem se escolhem cavalos, como se pode ver, reparando neste que é montado pelo field-marchal «sir» Alan Brook, chefe do Estado-Maior imperial britânico, a partir de 1941. Para a visita de inspecção recentemente feita às tropas — vêm-lo em viagem à roda de Monte Cassino — teve de se servir desta azémola ronciosa, muito longe dos seus rimaços «puros-sangues» a que estava habituado o velho coronel da Royal Horse Artillery. Sabe-se que as tropas aliadas tiveram um duro obstáculo no sector de Garigliano, acabando por desalojar o inimigo das posições de Monte Cassino que flanqueava a linha do «front» do 5.º exército, em direcção a Mignano. Este sector é dominado por tropas americanas, inglesas e dos Domínios.



APRENDA RADIO
Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peca folhetos grátis à
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

FRANÇA

No rescaldo de um grande escândalo

AS jóias de Staviski acabam de ser vendidas por alguns milhões de francos. Foi o último acto dum drama que teve o triste condão de interessar e apaixonar o mundo. Os nossos leitores devem ainda estar recordados. Um burlão de grande categoria montou uma «escroquerie» de génio em que apareceram envolvidas algumas personalidades categorizadas do grande mundo parisiense. Alguns políticos de segundo plano, um deputado anónimo, um general igualmente anónimo e meia dúzia de figuras «louches», daquelas que enchem a vida suspeita das grandes capitais, bastaram para compôr o cenário da burla que devia transformar-se no processo escandaloso dum regime e, finalmente, na síntese deformada duma grande nação.

Visto a distância e nas suas devidas proporções, o «affaire» Staviski, decorridos dez anos sobre a sua liquidação, aparece sobretudo como o produto exacerbadado duma atmosfera de paixão política e de sensibilidade partidária capaz de desafiar todos os apêlos ao bom-senso.

A FRANÇA CONHECERA OUTROS NEGÓCIOS SEMELHANTES

A França conhecera outros negócios semelhantes, mais graves nas suas perspectivas, mais delicados alguns deles sob o ponto de vista da sensibilidade nacional. O negócio das condecorações e o negócio do Panamá, o caso Dreyfus e o caso Hannau. Isto para nos reportarmos apenas aos últimos anos da vida francesa contemporânea. Mas quantos moedeiros falsos e quantos burlões de grande tomo ilustram as páginas da sua história em todos os regimes e em todos os tempos...

Não é necessário também percorrer as páginas da história, da história antiga como da história

recente, para documentar a existência de figuras suspeitas em todos os países. Mas a França em que Staviski nasceu, cresceu e floresceu era um país onde o sentimento nacional se tinha pervertido sob a máscara desfiguradora da paixão sectária. Quando êle surgiu e a sua actividade suspeita se revelou à luz duma publicidade de estufa, estavam criadas todas as condições para que a Terceira República sucumbisse. A sua sobrevivência até à derrota não foi mais do que a agonia arrastada duma instituição que morria, dia a dia, ao péso dos golpes implacáveis dos seus adversários.

POLÍTICOS, GENERAIS, GENTE DO MUNDO

Os polemistas que a atacavam eram de um inegável talento literário. De Maurras e Béraud e de Daudet a Henriot, a sua popularidade aumentava na medida em que subia o som dos seus ataques. Mas, para abalar os alicerces dum regime que contava setenta anos de existência e dera à França uma situação excepcional, com a mais bela vitória militar da sua história, não bastava o génio dos polemistas, nem o talento dos doutrinadores. Era necessário a aptidão dum homem de Estado.

Esse homem de Estado, que tinha na memória dos seus concidadãos uma larga e sólida conta de crédito, era André Tardieu. Recordando, a dez anos de distância,

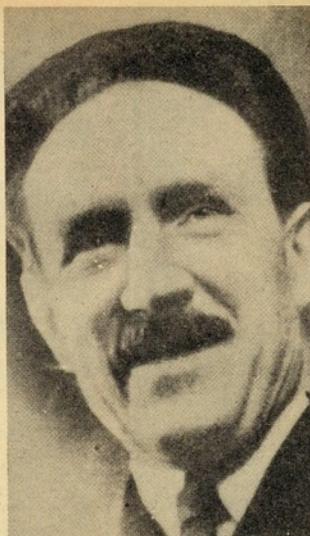
os nomes dos políticos, dos militares, da gente do mundo que apareceu envolvida no caso de Staviski, é fácil reconhecer que nenhum deles, com excepção de Georges Bonnet, detinha posições que lhe permitissem criar um sistema de impunidade eficaz para o burlão.

UM DUELO DE DOIS HOMENS IMPLACÁVEIS

Mas o caso Staviski foi o pretexto para que o duelo entre dois homens implacáveis, embora animados por temperamentos opostos, se prolongasse com prejuízo manifesto para a França e para o seu bom nome. Esses dois homens eram André Tardieu e Camille Chautemps. Irmanados na mágoa profunda que a derrota do seu país deve ter produzido em ambos, o primeiro permanece no exílio, o outro continua amarrado à sua cadeira de parálitico. Imagem dolorosa da inutilidade das paixões políticas exacerbadas, quando elas são animadas apenas pelo sópro dos ressentimen-

tos pessoais e das tendências partidárias.

Tardieu foi um dos mais ilustres servidores da França em todos os tempos, sem que esta expressão contenha qualquer coisa de exagerado. A história se encarregará de lhe fazer um dia plena justiça. Chautemps era um político vulgar e habilidoso que a influência do seu partido guiara às mais altas situações. Foi da rivalidade entre dois homens que nasceu a repercussão dramática que o caso Staviski teve na vida da França. Acabam de passar dez anos sobre o tristíssimo episódio de 7 de fevereiro que ensanguentou as ruas de Paris. A desordem episódica que, ao calor dos ódios excitados pelo caso Staviski, então se desenrolou na capital francesa era o germen da derrota e da guerra viciil que hoje vemos simbolizada nos julgamentos sumários, nas execuções, nos apêlos incessantes à morte e à traição e na confusão dramática que tornará ainda irreconhecível, durante algum tempo, a verdadeira fisionomia da França.



Chautemps, à esquerda, e Staviski, à direita, foram com Tardieu as figuras máximas deste escândalo

A vida melhora

INDOCHINA

DURANTE o último verão, a vida foi dura na Indochina francesa. Em Benguela, mesmo ainda durante o último Outono, a falta de alimentação foi uma tortura. Depois, por toda a parte, criaram-se organismos para combater a situação dos povos indianos. Na sua maioria, essas organizações eram formadas por elementos da R. A. F., estacionados nas Índias que, para actuar, se submetiam a racionamentos mais penosos. Assim, o que era muito, passou a ser bastante para os soldados que puderam de modo simples e eficiente, promover a alimentação de muitas crianças votadas à mais negra das mortes.

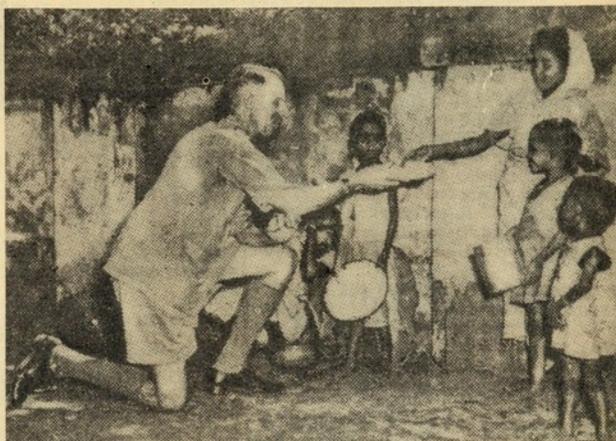
Três vezes por dia, os soldados passaram a dar alimentos aos indigentes e às crianças. Na foto, vemos uma mãe acompanhada de

quatro filhinhos, que estão a ser sustentados por um oficial irlandês da R. A. F.

Hoje, como se lê em jornais franceses, a verdadeira fome acabou, fazendo-se eco das palavras do tenente-general Black que assim falou recentemente em Nova York.

A forma empregada no combate às necessidades de alimentação mostra porém, que, não obstante a boa-vontade de todos, o problema não foi ainda resolvido. A verdade é que, em poder dos japoneses permanecem os maiores e mais importantes campos de cultura de arroz — e o arroz é a base da alimentação dos orientais.

Tudo leva a crer, porém, que dentro de meses o problema ficará de algum modo melhor resolvido: o futuro da humanidade não está só nas guerras — mas nas condições da vida humana.





TOMAZ DE ECÍSSIMA LEAL

SE um dia o Chiado se proclamasse em estado independente, haveria talvez dificuldade em escolher o seu chefe; mas para orientar o protocolo do doirado estado nascente não haveria que hesitar: seria Tomás de Eça Leal. Distinto; elegante; risonho; flexível; espécie de haste de lírio de monóculo e de flôr ao peito; conhecendo, como poucos, tôdas as regras do bom-tom; sabendo, como ninguém, beijar a mão a uma senhora; vestindo, todos os dias «smoking» para o almoço, casaca para o jantar, pijama para a ceia; jornalista, poeta, escritor, conversador amável e exuberante; parente por um lado de Eça de Queiroz, por outro de Gerúvão Lobato; e, ainda por cima, certo cada tarde, à portã da «Bertrand», fazendo a sua hora galante, — quem, na verdade, melhor do que o autor dos «Amorosos» e dos «Íntimos», para desempenhar o cargo de chefe do protocolo do Chiado — no dia em que o Chiado se tornasse independente? Há simples anedotas que valem, às vezes, livros de história. Ainda ontem a uma senhora que dizia, ao vê-lo:

- Então como está, senhor Tomás de Eça Leal?
- Ele respondia, num grande sorriso:
- Ótimo... como sempre que a vejo!
- E agora digam lá que ele não percebe do protocolo!

À Maneira de João de Deus

Tu és o Sol,
Eu sou a neve:
Se me não vales
Partirei breve.

Não sei p'ra onde
E não sei como,
Tu és o oiro
Tu és o pomo.

Tu és o sonho
Em que me embalo
Só em ti penso,
Mimo e regalo.

Só quem um dia
Passou azares
E que calcula
Os meus penares.

Quando estás longe
Eu morro à mingua,
Falta-me a voz,
Falta-me a lingua.

Mas quem será
O feiticeiro?
O amor? Não.
É o dinheiro!

A propósito de 13 mulheres

O Parlamento britânico compõe-se, actualmente, de 602 representantes. Desses representantes, 589 pertencem ao sexo masculino e 13 — número para muitos fatídico — ao sexo feminino. Não faltará quem diga que 13 mulheres, entre 189 homens, são 13 gotas de água num verdadeiro oceano. Assim parece — mas não. Esse pequeno grupo de mulheres — treze como a dúzia de laranjas ou de ameixas — exerce, de facto, na vida parlamentar do seu país um papel que, na verdade, excede o que muitos poderão imaginar. Ainda recentemente uma simples emenda da deputada Cavalet Keir à proposta da lei da Educação fez oscilar o charuto de Churchill. Além disso, duas dessas treze mulheres — «miss» Ellen Wilkinson e «miss» Florence Horsbrugh — exercem lugares governativos, uma como sub-secretária do Interior, a outra como ministra da Saúde Pública. Mas — ocorre perguntar mais uma vez — será útil ou, pelo menos, não será desvantajosa a interferência das mulheres na política — mesmo num país como a Inglaterra em que tudo se passa, geralmente, com um bom-senso optimista?

Rei, há pouco, algumas peças de Aristofanes. Também voltei a ler o volume de Paldácio Valdez: «El gobierno de las mujeres». Pois bem: enquanto Aristofanes se permite dizer cobras e lagartos das mulheres, essencialmente daquelas que pretendem governar-nos, — Paldácio Valdez procura sustentar a tese de que Eva é bem mais apta do que Adão para o cabal exercício das funções políticas. Desta vez os extremos não se tocam. Pela parte que me diz respeito, a mulher-política assusta-me, não porque deixe de reconhecer a essa metade do homem qualidades de espírito, de cultura, de argúcia, de paciência e até de dissimulação, necessárias à carreira pública; mas porque prefiro a mulher-mulher, isto é, a mulher anjo-do-lar, «luz e trave da casa», nossa amorosa companheira e não nossa feroz competidora. Por outro lado, a mulher que se dedica à política é, em regra feia e esgrouviada; veste mal; não cultiva a elegância, nem o sorriso; é erudita e triste; e não falta quem afirme que, psicológicamente, é um mau homem — de saias. Decerto haverá muitas excepções. Em todo o caso, a regra é considerável. E se há já tantos políticos maus por esse mundo, porque há-de haver, ainda por cima, políticas feias?



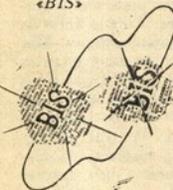
ORIENTAÇÃO



O distinto arquitecto Prefeito de Magalhães — vamos a escrever: Mais que Prefeito de Magalhães — realizou, há pouco, uma curiosa exposição em Lisboa. Nessa exposição, havia coisas notáveis e, entre elas, vários tipos para orientação de jardins, praças, miradouros, cais de embarque. De facto, perguntem, por exemplo, a qualquer sujeito na Rotunda ou no Terreiro do Paço: «Para que lado fica o norte?» — e ele não o saberá dizer. A orientação que Prefeito de Magalhães propõe seria feita no próprio empedrado com pedras pretas, marcando os pontos cardeais. Ninguém erraria. Eis uma ideia feliz. Na verdade, o que nos falta, muitas vezes, é orientação...

mais um raro espectáculo de côr — e as mulheres bonitas do Chiado, por um momento, terão de rivalizar com as flores de Portugal. Saudemos as flores vegetais, mas não nos divorciemos das flores de carne — mesmo porque se a beleza de umas tem a duração das ilusões de Malherbe, a das outras sempre dura, pelo menos, o sonho de uma noite de Verão...

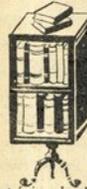
«BIS»



A propósito duma opereta recente saíram no mesmo dia e no mesmo jornal dois anúncios contraditórios: num dava-se a entender ao público que não devia «bisar» os números para não prolongar o espectáculo; no outro dava-se-lhe a entender que o espectáculo começava mais cedo — para que os números pudessem ser bisados. O público ficou perplexo.

— «Bis» ou not «bis», eis a questão! — já dizia Shakespeare. E é isso mesmo.

ESTANTE GIRATÓRIA



A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes: «A vida sentimental de José Dominguis», espécie de livro de memórias, que Celestino David escreveu e que se lê com manifesto agrado — e «Sou Maria!», «diário duma mulher bonita que realiza a sua felicidade aos 30 anos», uma centena de páginas assinadas por Maria da Piedade em que a sinceridade feminina suplanta ainda a facilidade literária.



Lembra-se ainda de Shelley?

DESDE a sua infância irrequieta, Shelley mostrou logo tendências para a aventura e para a poesia.

Shelley, depois de Byron, foi talvez o poeta mais popular de Inglaterra.

Ele frequentou o Colégio aristocrático de Eton, onde andou na companhia da fina-flôr da mocidade inglesa.

Já nessa altura lhe chamavam «Shelley, o louco», porque as suas manei-ras originaes, o seu desdém pelas competi-ções desportivas e o seu gosto pela soli-dão e pela cultura faziam dele um ser di-ferente...

No Colégio de Eton existiam duas classes de estudantes: os «fags» e os «grandes». Os «grandes» dominavam os «fags» em tudo e faziam-nos até executar exercí-cios servis, tais como escovar as roupas, fazer as camas, limpar os sapatos, arrumar as mesas de trabalho, etc.

Shelley era um dos «fags» mas revoltou-se abertamente contra a tirania dos «grandes». Meteu-se em brigas sem conto, foi sovado, inúmeras vezes — mas nunca se deixou utilizar como criado dos outros.

Aos dezóito anos, entrou na Universidade de Oxford. Abria-se para ele um novo mundo. Agora, sim, podia ler os clássicos perfeitos, meditar sobre os pensamentos dos grandes filósofos universais.

Contudo, ele abusou da liberdade que lhe davam. E pouco tempo depois, na companhia dum colega que comungava nos seus ideais, publicou um folheto com este título provocante: «A necessidade do Ateísmo». No mesmo ano, Shelley e o colega foram expulsos de Oxford.

A primeira mulher por quem se apaixonou foi sua prima Harriet Grove. Ambos escreveram um romance fantástico, de colaboração. O romance chamava-se, «Zastrozzi» e deu origem a um idílio excitante de amor, que terminou pelo rapto da jovem Harriet. Ela tinha apenas 16 anos e ele ainda não fizera os dezanove.

Mas, depois, o idílio murchou de depressa. Shelley casou com Mary Godwin, acusando sua prima de não o saber compreender.

Shelley odiava os preconceitos. Conta-se que, uma vez, apareceu nú entre as visitas que sua mulher reunira na sala de estar.

Ele e Lord Byron, ainda que diferissem nos gostos e nas reacções, admiravam-se mutuamente.

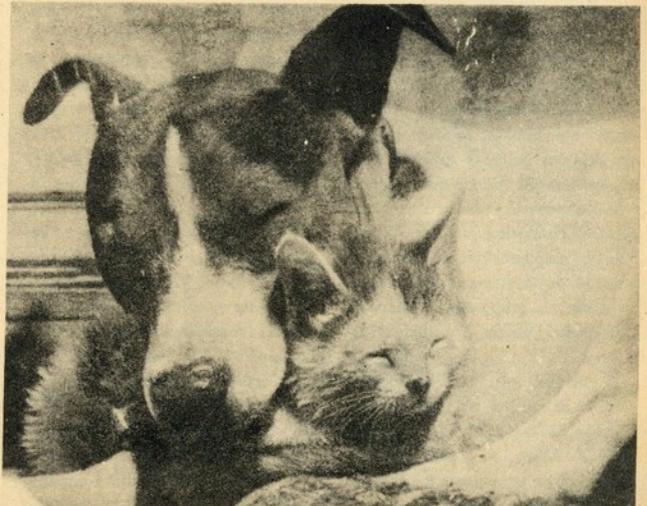
E quando Shelley, o autor desse magistral «Alastor ou o Espírito da Solidão» terminou sua vida de aventura e de sonho, morrendo afogado trágicamente no golfo de Spezzia, Byron prestou-lhe a mais sincera e a mais impressionante homenagem que um poeta pode prestar a outro poeta.

FRATERNIDADE

Agora, que os homens se batem como feras, esquecidos de todos os princípios basilares da amizade e da solidariedade, sabe-nos bem ver fotografias como esta:

Um cão e um gato, dormindo, tranqüillamente enlaçados — demonstram que os seus ideais são, muitas vezes, superiores aos dos homens.

E difícil encontrar um melhor exemplo prático de fraternidade!



ANIMAIS DESPORTISTAS

QUANDO se fala em imitação do homem não podemos esquecer, de modo algum, certos animais que levam essa habilidade a um extremo curioso de perfeição.

Vejamos, por exemplo, estas cinco fotos. Representam, nada mais, nada menos, do que animais desportistas. Eles imitam, de facto, algumas posições do homem nos seus exercí-cios físicos. E não se lhes pode negar graça, ligeireza e correcção de movimentos.

Os dois cavalos parecem, na verdade, lutadores preparados para o início dum violento combate de «box». Repare-se na galhardia com que se de-fro-ntam e na posição segura das patas.

Depois, temos esse estranho animal que dá ares dum grande trapezista executando uma das suas acrobacias mais famosas.

De seguida, os dois ursos tomam atitudes de adversários num violento embate corpo-a-corpo de luta greco-romana.

E, finalmente, sua excelência o leopardo oferece-nos a impressão de que se treina pacatamente num «punching-balls». Deve estar a preparar-se para o próximo fôgo...

Aqui tendes, portanto, leitor, algumas imitações que certos animais vos oferecem. E, sinceramente, não vos parecem autênticos campeões desportivos?

Não é o hábito que faz o monge? À cerca do beijo

Uma revista espanhola fala-nos de um curioso episódio passado há tempos nos Estados Unidos e que tão bem reflecte o alto espirito e o conhecimento humano de quem nele tomou parte:

Um recruta recém-chegado a Nova York, e como todos os recrutas ingénuo e ignorante, estava a apascentar um cavalinho do quartel do Governor's Island, quando por ali passou um outro militar que ia a fumar.

— Olça lá, amigo — disse o recruta puxando de um cigarro e aproximando-se — é capaz de me dar lume?

O homenzinho aproximou-se e, sem o menor constrangimento, ofereceu o cigarro:

— Anda lá!...

O recruta acendeu o cigarro e o desconhecido que envergava um traje simples de campanha, desandou sem dizer mais nada. Mas, então, do outro lado de lá de uma pequena sebe, saltou um terceiro militar, de cabelos em pé e ar espavorido. O militar talvez que ainda tivesse tido tempo de ouvir algum fragmento do diálogo que então se travou, tão rápida foi a intervenção da terceira personagem:

— Com a breca! Tu sabes, meu grande burro, a quem pediste lume? Ingenuamente, o recruta respondeu «que não senhor» e, então, o outro esclareceu:

— Ao meu general Pershing! Aterrado, o recruta correu atrás do illustre oficial que ia apenas a alguns metros de distância:

— Meu general, perdó-me, perdó-me o que acaba de passar-se, porque eu sou novo no serviço. Durante o tempo de exercí-cios, como sou novo e os uniformes tão todos



Sábios do Canadá lembraram-se de investigar as origens do beijo — desses beijos deliciosos que todo

o mundo gasta nas suas manifestações de ternura e de amor.

Os sábios chegaram a resultados bastante interessantes. Segundo eles constataram, a origem do beijo vem de muito longe, de muito longe. As próprias lendas remotas, árias e semitas revelam que os antigos já se beijavam profusamente. Os árabes, por sua vez, apenas se serviam do beijo quando queriam render culto aos deuses.

Mas a descoberta mais sugestiva desses sábios foi a de revelarem que em certa região da Malásia o beijo era o melhor remédio para curar algumas doenças perigosas.

Se isto acontecesse por cá, teríamos a registar, de certo, um número registado dessas tais doenças perigosas...

E o jornal donde transcrevemos a notícia acaba por comentar, com muita graça: «O que pasma é que eruditos duma região tão fria como o Canadá, utilizem a sua inteligência para a descoberta duma coisa tão quente...».

(Continua na pág. 22)

As atribuições do sr. Eden



Eden, grande figura da política internacional, viu, afinal, mais uma vez consolidado o seu prestígio de homem de Estado

ULTIMAMENTE, têm aparecido com grande insistência notícias que ora nos dizem que o sr. Eden está demissionário, ora nos comunicam desmentidos formais ao último telegrama referente ao assunto.

No entanto, estas constantes «ameaças» de demissão não implicam, como muita gente pode julgar, críticas desagradáveis à acção do estadista em causa — não só como ministro dos Negócios Estrangeiros, mas também como «leader» da Câmara dos Comuns da Grã-Bretanha.

Seja em que país fór, a condução dos assuntos internacionais num mundo em guerra reveste-se de características especiais. Mas, no meio dum conflito armado de proporções tão vastas como aquêle em que a Grã-Bretanha se encontra profundamente envolvida, as mais pequenas decisões políticas ganham uma importância tão grande que os actos e as palavras do ministro dos Negócios Estrangeiros deixam de ser pura e simplesmente da responsabilidade do titular da pasta, para passarem ao grupo de individualidades que formam o Gabinete de Guerra.

É por isso que, tal qual observava recentemente num diário londrino — não se pode falar da «política de Eden», como não nos devemos referir igualmente à «política de Palmerston», à «política de Cur-

zon», ou à «política de Henderson», mas sim à política do governo».

Pode dizer-se com absoluta segurança que, durante os últimos dez anos, o sr. Eden tem sido o principal e único responsável pela condução da política externa britânica. E a verdade é que nenhum outro ministro do gabinete anglo-saxónico se pode gabar duma tão grande continuidade de acção à frente de um ministério.

Por isso, vista a questão por este prisma, quais poderiam ser os motivos que imporiam a demissão do sr. Eden, precisamente no momento em que o Estado-Maior britânico parece disposto a tentar a maior operação militar da história?

Tanto a chefia da Câmara dos Comuns como o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros são postos governamentais que, na Grã-Bretanha, exigem grande esforço físico e intelectual, ocupando incontáveis horas de trabalho ininterrupto. No momento presente, em que a política britânica está prestes a entrar numa fase bastante crítica da história mundial, pode realmente considerar-se excessiva a acumulação dos dois cargos.

É natural, portanto, que o próprio sr. Eden visse com agrado a divisão do seu trabalho por outra pessoa a quem pudesse orientar.

No entanto, há algumas considerações de carácter geral que não

devem ser esquecidas e que provavelmente fizeram com que o sr. Churchill resolvesse, conforme foi anunciado, não modificar por ora o seu governo.

Sob o ponto de vista de prestígio e influência internacionais, o cargo de ministro é muito mais transcendente e significativo do que o de «leader» dos Comuns e isso tem muita importância porque, segundo todas as indicações, o sr. Eden é, presentemente, o estadista inglês que reúne mais qualidades e maior número de simpatias para vir a ser o futuro primeiro ministro do partido conservador britânico, em sucessão ao sr. Churchill.

Por outro lado, a Grã-Bretanha parece necessitar agora mais do que nunca duma política externa essencialmente dinâmica — e nenhuma outra entidade poderá imprimir melhor esse dinamismo à política britânica do que o sr. Eden, cuja experiência, adquirida durante todos estes anos no exercício do cargo de ministro, e cujos conhecimentos e contactos pessoais estabelecidos por mais de uma vez com os srs. Roosevelt e Estaline e os seus mais directos colaboradores, são requisitos particularmente ponderáveis.

Mas, a verificar-se a necessidade absoluta — devido a excesso de trabalho ou a pressões estranhas ao governo — do afastamento do sr. Eden, quem reuniria maior soma de atributos para o substituir?

A individualidade indigitada com mais frequência, como provável sucessor do actual ministro, era o Visconde de Cranborne, que já desempenhara as funções de sub-secretário desta mesma pasta até 1938 sob a direcção de Eden.

Lord Cranborne, cuja família desempenhou um significativo papel na história política inglesa, já teve ocasião de demonstrar as suas excepcionais qualidades de estadista, embora nunca tivesse

tomado parte nas decisões do gabinete de guerra.

Como «leader» da Câmara dos «Lords» adquiriu grande prestígio e como secretário dos Domínios britânicos revelou-se um notável administrador, capaz de valorizar grandemente a importância dos Domínios, dentro da comunidade de nações britânicas.

Porém, na escolha do sucessor do sr. Eden, surgiu um «contra» que talvez tenha sido uma das razões fundamentais porque o Governo britânico permaneceu sem modificação: Quando se soube sobre quem recairia a escolha do substituto do sr. Eden, os membros do Gabinete de Guerra que mais persistentemente exigiam a separação dos cargos ocupados pelo actual secretário do Estado, resolveram abandonar esta ideia...

Os motivos desta atitude são fáceis de calcular. Lord Cranborne demitira-se em 1938 do cargo de sub-secretário dos Negócios Estrangeiros, por uma questão de solidariedade para com o sr. Eden. De modo que a identidade de conceitos políticos entre os dois estadistas é tão grande que a substituição foi considerada desnecessária...

JOSÉ C. RIBEIRO



O visconde de Cranborne, à direita, que é agora indigitado para substituir o ministro dos Negócios Estrangeiros

UM PORTUGUÊS QUE REVOLUCIONOU AS LEIS DA FÍSICA!



Como numa casa de Setúbal se fazem previsões do tempo para 15 dias!

A Banda de infantaria n.º 11 — o 11 de Setúbal — gozou sempre de boa reputação, na música regimental. O maestro Adelino, capitão, esmerava-se no repertório escolhido — e, concerto público que a Banda viesse a dar, era um autêntico sucesso. Dos músicos que faziam parte daquela Banda, havia um que tocava todos os instrumentos, mas que, pelo seu ar distraído e pelo isolamento de que se rodeava mereceu ao maestro o nome de «Pensamento». Era um homem alto, desempenado, que andava sempre munido dum caderno e dum lápis.

Durante os ensaios, enquanto os outros colegas discutiam, este músico isolava-se, meditava, pensava. As vezes vinha-lhe qualquer inspiração ao cérebro — e viam-no, radiante, lançar sobre o papel umas notas apressadas. Muitos julgavam que andava compondo uma canção, um trecho de sinfonia. Mas breve repararam que as garatujas com que enchia folhas de papel eram números e curvas — cousas de geometria e matemática. E se não trocavam, encolhiam os ombros, com desdém, como se aquilo fosse uma mania, aliás inofensiva. Sempre estudando, a tarefa prosseguia em casa, altas horas da noite, até o sol entrar pela janela. Já músico de 1.ª classe — requereu a aposentação.

E o seu entusiasmo pelo estudo nunca mais o largou.

Durante vinte anos os compêndios foram os diletos amigos. Esquecia-se de tudo — da família, do bem-estar, da saúde. E ao fim de 20 anos de intenso labor honesto, tódá a gente ficou sabendo que, numa casa de Setúbal um português tinha revolucionado as leis da física!

Esse homem — era o músico, o «Pensamento» como lhe chamavam — e João Carvalho Serra, de seu nome.

UM ESTUDO QUE DUROU 20 ANOS

Desde muito novo Carvalho Serra teve sempre uma grande tendência para o estudo da matemática. Depois de ter aprofundado a razão de algumas leis basilares, por onde tódá a física se regia, Carvalho Serra diz provar, com a sua «lei única», que a própria fórmula de Newton — «matéria atrai matéria, na razão directa das massas e na inversa do quadrado das distâncias» — estava errada e incompleta.

Evidentemente que não seria só preciso dizer — era necessário provar com o rigor científico. Foi isso que lhe absorveu um trabalho de 20 anos. Tódas as noites, incansá-

velmente, lutava para esclarecer o seu ponto de vista. Muitas vezes, radiante, acordava a família inteira, gritando que tinha descoberto. Mas logo via que ainda não tinha sido bem sucedido. Até que uma noite, o caso se decidiu e o matemático pôde encontrar a compensação do seu esforço. A sua «Lei Única», trabalho de 20 anos de exaustivo esforço poderia ser enunciada.

Foi assim, com esses elementos que conseguiu apresentar no Congresso das Associações Portuguesa e Espanhola, para o Progresso das Ciências (realizada em Lisboa, em Maio de 1932) uma tese intitulada «A Origem dos Movimentos do Sistema Solar». A falta duma prova constituiu uma barreira insuperável entre a obra e a divulgação — que urgia se tornasse rapidamente conhecida em todo o mundo. Foi por isso que Carvalho Serra escolheu a meteorologia para aplicação do seu trabalho, porque mais vivamente poderia chamar a atenção dos interessados.

E é assim que ele diz num livro seu:

«Depois de procurar, dentro dos princípios a que me venho referindo, os motivos que podiam originar os fenómenos de meteorologia, fazendo coincidir as suas demonstrações aritméticas com as dos movimentos do barómetro, não me foi difícil achar, que um ciclone ou a simples depressão, não é outra causa mais do que o retardado ou o avanço duma porção da nossa atmosfera, em relação à outra parte».

UM OBSERVATÓRIO... QUE É UMA SALA DE VISITAS.

Senhor dêsse segrêdos, Carvalho Serra começou a fazer previsões do tempo. No «Diário de Notícias», no «Jornal de Notícias», do Pôrto, no «Diária da Manhã», numa coluna, vinha sempre o tempo que devia fazer no país. E o caso é que dava certo. Logo não faltou quem quisesse saber quem era o sábio. Sabia-se que vivia em Setúbal. Alguns chamavam-lhe doutor, professor, homem de ciência que vinha das mais famosas universidades estrangeiras. Nalgumas cartas que recebia Carvalho Serra via os rodeios com que o tratavam — não viessem importunar o sábio que só devia viver para o seu observatório.

Noutras correspondências punham só: «Carvalho Serra», Observatório de Setúbal. Como não o conheciam supunham um homem, já curvado, macilento, só vivendo o isolamento do mundo dos seus astros. Afinal nada disso: Carvalho Serra, forte e rijo, é um bom caçador, trata de agricultura, dá a sua passeata e interessa-se pela vida terrena como qualquer cidadão. O seu grande observatório resume-se numa sala de visitas. Não há aparelhos, nem óculos para ver os astros. As únicas lentes que ali encontramos são as dos seus olhos, com que, sobre o papel, faz os gráficos e os cálculos. As previsões do tempo suscitaram, dos científicos, grandes reparos. Houve acesas polémicas, Carvalho

Serra a todos respondia. E, como de facto acertava, o público acostumou-se a acreditar no rigor dos seus cálculos.

Carvalho Brandão, oficial de marinha e de ciência, teve forte discussão nas colunas do «Diário de Notícias», a propósito das previsões de Carvalho Serra. O prof. Gomes Teixeira, matemático ilustre, fez também alguns reparos — a todos, porém, o sábio de Setúbal sabendo responder com provas convincentes. Já nesse tempo o professor Santos Lucas lhe dava razão e o admirava. Assistia aos seus trabalhos e via, na verdade, em Carvalho Serra, uma das melhores afirmações científicas dos últimos tempos. O padre Himalaia, outro estudioso, acamaradava com o homem da «Lei Única». Enfim — o trabalho de 20 anos começou a impôr-se, com provas claras, que não deixavam dúvidas.

UM JORNAL QUE CORRE MUNDO

De tanto trabalho, Carvalho Serra não recebeu meio tostão. Nem a colaboração dos jornais era paga. Tudo aquilo obrigava a grandes trabalhos. Quando deu por isso — já lhe iam pela porta fora mais de 80 contos, que, por direito, pertenciam à família. Em 1923 apresentou na Exposição do Rio de Janeiro um trabalho intitulado a «Divisibilidade dos Ângulos». Fez sucesso no campo científico. Alguns

sábios não achavam rigorosamente certo aquêl seu trabalho e queriam pôr-lhe entraves. Mas não houve remédio senão concordar — e Carvalho Serra ganhou uma medalha. Já agremiações científicas do estrangeiro lhe escreviam, felicitando-o.

Foi então que resolveu editar um boletim quinzenário sobre as previsões do tempo. E ele que o redige de ponta a ponta. Nele vem sempre um artigo sobre qualquer fenómeno físico — e os cálculos das temperaturas.

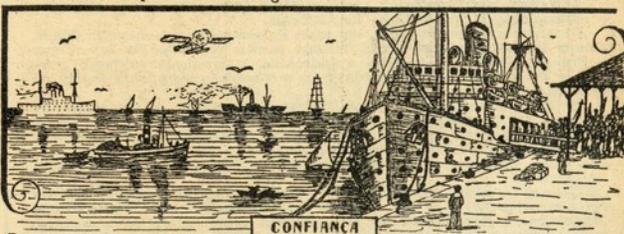
Dá as previsões para 15 dias. E a verdade é que não há memória de ter errado.

E é interessante saber-se que, nesse pequeno jornal, que hoje corre o mundo inteiro, há uma secção que diz assim:

Tempo no estrangeiro: Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos em: França, Noruega, Itália, E. U. da América do Norte, Canadá, Brasil, Oceano Atlântico Norte, África Central e Ocidental. O próprio Observatório de Madrid permuta com o pequeno jornal — não falando noutros observatórios a que a guerra veio pôr dificuldades de permuta.

E aqui está como em Setúbal, num extremo da cidade, há um homem que, sem aparelhos, sem observatório, enfim, consegue dar as previsões do tempo, com um rigor científico que causa a admiração do mundo!...

MANUEL MARTINHO



Nascimento e occaso do Sol em Lisboa		M A R E S — Porto de Setúbal								Nascimento e occaso de Lua em Lisboa				
		Preamar				Boizamar								
		Manhã		Tarde		Manhã		Tarde				A L U A		
Dias	O	S O	Manhã	Alt.	Tarde	Alt.	Manhã	Alt.	Tarde	Alt.	Nasce	Põe-se	Dias	
Em 16	16	6,48	18,44	6,55	3,00	19,25	2,90	6,20	0,90	18,50	0,50	6,07	10,53	Em 16
17	6,46	18,45	7,55	2,90	20,20	2,80	6,28	1,00	18,55	1,10	6,18	11,16	17	
18	6,45	18,47	9,15	2,70	21,55	2,60	6,40	1,10	18,15	1,20	6,08	12,07	18	
19	6,43	18,48	10,45	2,75	23,25	2,95	6,40	1,10	16,45	1,10	5,95	13,06	19	
20	6,41	18,49	—	—	22,05	2,95	6,25	0,90	17,55	0,90	6,01	14,11	20	
21	6,40	18,50	0,25	3,20	13,05	3,20	6,25	0,65	18,50	0,65	6,40	15,22	21	
22	6,38	18,51	1,25	3,50	13,55	3,45	7,15	0,35	19,35	0,40	6,35	16,36	22	
23	6,36	18,52	2,20	3,70	14,45	3,65	8,05	0,20	20,15	0,25	6,15	17,49	23	
24	6,35	18,53	3,00	3,90	15,25	3,75	8,45	0,05	21,00	0,15	6,52	19,03	24	
25	6,33	18,53	3,45	3,95	16,05	3,80	9,25	0,05	21,40	0,10	7,28	20,15	25	
26	6,32	18,54	4,25	3,90	16,45	3,70	10,10	0,15	22,25	0,20	8,04	21,25	26	
27	6,31	18,55	5,05	3,75	17,30	3,55	10,45	0,30	23,05	0,35	8,38	22,33	27	
28	6,29	18,56	5,50	3,50	18,15	3,35	11,30	0,55	23,50	0,60	9,18	23,38	28	
29	6,28	18,57	6,40	3,25	19,00	3,10	—	—	22,15	0,80	10,01	—	29	
30	6,26	18,58	7,25	2,95	19,45	2,90	0,40	0,90	13,05	1,10	10,45	0,39	30	
31	6,24	18,59	8,35	2,70	21,05	2,70	1,45	1,15	14,10	1,40	11,34	1,36	31	

Para que estas horas estejam de acôrdo com as horas actuaes, devem ser aumentadas de 1 hora no Continente

Assim, nos lugares onde a velocidade das camadas líquidas fosse maior do que a do globo, os fluidos que seguissem a superfície dêste, no seu movimento de rotação, atravassam-se, impellidos em sentido contrario pela passagem das camadas líquidas que neste lugar tinham maior velocidade, nêsse sentido.

No lugar em que as camadas líquidas tinham velocidade inferior à do globo, também os fluidos arrastados por este, no seu movimento de rotação, perdiam velocidade, visto que as que se atrasavam do movimento de translação do globo exerciam força sobre elas, em sentido contrario.

É este caso, precisamente, o que devemos considerar em relação ao planeta que habitamos e ao seu setidô.

De T. em movimento de rotação, devêdo ao mesmo movimento do seu meio ambiente, e o movimento de rotação dêste meio é provocado pelo esforço do perigeu próprio da Terra.

É esse meio também, que arrasta a Lua e, por consequência, para além dêste há ainda outro fluido que acompanha esse movimento.

São estes fluidos que, ao passarem nas sirlizias, devem sofrer o atraso, por se encontrarem aí com os fluidos cujas velocidades são diferentes das velocidades de translação da Terra.

Na sirlizia superior, os fluidos que acompanham a Terra, na sua translação, marcham em sentido contrario dos que acompanham a rotação e fazem perder a esta uma parte da sua velocidade.

CIÊNCIA ELEMENTAR

O romance da borracha

A borracha natural é um produto obtido a partir do suco leitoso — o látex — que escorre de certas árvores quando nelas se fazem cortes. Sobem a mais de 100 as espécies de árvores de borracha, sendo as mais conhecidas a *hevea-brasilienis*, a *hamcomia-speciosa* e a *manicobras-glozovi*.

Em 1739, o sábio francês La Condamine revelou à Europa a existência de borracha, mas só em 1823, quando Mc Intosh fabricou tecidos impermeáveis, se criou uma atmosfera de interesse por este novo produto. Por fim, em 1839, o americano Goodyear descobre a vulcanização da borracha, por meio do enzôfere, transformando-a numa substância com as qualidades necessárias para ser industrializável.

Ao principio, as rodas das bicicletas e dos automóveis eram de ferro nu; as engrenhas descobertas do negociante Thomson, do ciclista Michelin e do veterinário Dunlop conduziram à concepção do pneu, cuja fabricação industrial começou em 1890, graças aos esforços de Dunlop. E do mesmo modo que elevou o petróleo à categoria de potência mundial, o automóvel — conjuntamente com a indústria eléctrica — tornou a borracha indispensável.

De início, havia, apenas, a borracha silvestre do Brasil e da bacia do Congo, na África. Em 1840, a produção mundial era de 400 toneladas, subindo para 29.000 em 1890.

A enorme procura de borracha, o seu fabuloso encarecimento, originou logo uma classe de aventureiros, exploradores e capitalistas, que escreveram as páginas sangrentas da história da borracha.

No território do Putumayo, na América do Sul, centralizara-se a colheita do precioso látex. A colheita subiu, num ápice, de 40 a 350 toneladas. Em contrapartida, a população baixou de 50.000 para 3.000 habitantes. Inquiridos do governo peruano, relataram que quem não trouxesse um mínimo de látex era chicoteado e, às vezes, condenado a morrer à fome.

Do mesmo modo que os peruanos «exploraram» o Putumayo, os brasileiros «colonizaram» o Acre, região que motivou uma guerra com a Bolívia. Apenas o caminho de ferro, para transportar a borracha, custou a vida a 40.000 índios.

Aos tormentos dos povos da América do Sul juntaram-se os do Congo. A «Abir Company» utilizou milícias que atacavam as povoações indígenas e rapavam mulheres e crianças; os negros, desejosos de rehaverm a família, tinham de apresentar certas porções de látex ou, então, as mulheres seriam vendidas como escravas (11 mil casos averiguados) ou mortas pela fome e pelos maus tratos. E as acções da «Abir» subiram, em dois anos, de 4,5 a 700 e, por fim, a 1.000.

Embora chovessem protestos contra tais deshumanidades, só o reconhecimento do anti-económico que elas comportavam em face do êxito das bem cuidadas plantações inglesas e holandesas, e subsequente quebra de preços — acordaram os «bons sentimentos» das poderosas Companhias.

Quebrado o monopólio brasileiro, graças aos aventureiros e fraudulentos esforços do inglês Henry Wicham, que conseguiu transportar para a Inglaterra milhares de sementes da «hevea brasiliensis» — surgiu, pouco a pouco, o monopólio inglês com base nas plantações do Ceilão e na Malásia. A admirável Singapura é filha da borracha.

Entrou-se, depois, num período de melhoramento dos processos de extração do látex e preparação da borracha.

Devido ao excesso de plantações, formou-se, em Londres, uma Comissão protectora dos preços. Em 1922, o «Stevenson Act» regula as leis de exportação e a quota máxima de cada produtor.

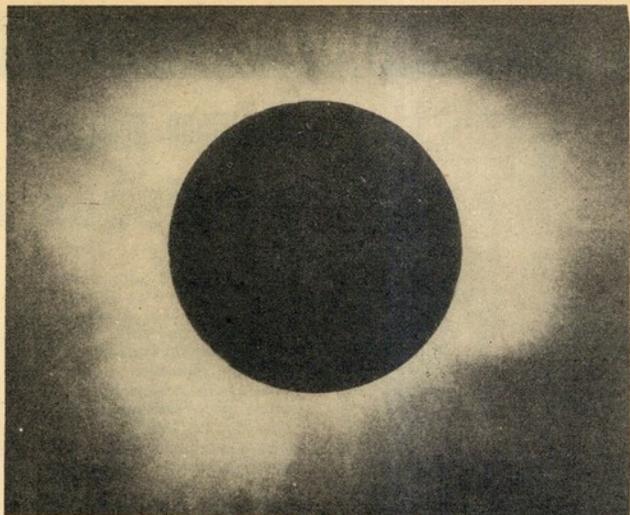
Lesados por esta política, os Estados-Unidos procuraram uma saída libertadora. O Senado concedeu meio milhão de dólares para ensaiar a árvore da borracha no país. Hoover incitou os ânimos contra os ingleses. Ford procurou plantações no Brasil. Por fim, Firestone, o fabricante de pneus, repetiu na Libéria, república de negros, as cenas de sangue e terror do Putumayo e do Congo.

Entretanto, os holandeses, em Sumatra e Java, procederam, científica e silenciosamente, à plantação de «heveas».

Os americanos viram, aqui, um meio de combater o monopólio inglês, mas a borracha holandesa não bastava para o consumo. Só depois que a França encheu de «heveas» a Indochina, a produção conjunta francesa e holandesa conseguiu reduzir, a metade, o contingente inglês na produção mundial.

Então, forma-se, em Londres (1934), um «trust» internacional de borracha. Os holandeses estavam vencidos. Todavia, um pouco mais tarde, os esforços dos alemães e dos americanos, no sentido de se libertarem dos interesses britânicos, levou à descoberta e produção industrial da «borracha sintética», o que originou um pânico indistinctível na Bolsa de Londres.

E assim se alimentou e alimenta a luta pela borracha e a guerra dos respectivos preços, que em conjunto com as perturbações diplomáticas, económicas e sociais surgidas na luta pela posse do petróleo, algodão, ferro, cobre, carvão, etc. — põe o mundo sob a constante ameaça de conflitos armados internacionais.



FIRMAMENTO

Coroa solar fotografada durante um eclipse. A coroa solar é uma auréola prateada de luz, que se estende para além de 3 milhões de quilómetros a partir do sol. É uma das zonas que se observa no sol, logo acima das chamadas protuberâncias ou jactos de vapores incandescentes lançados à velocidade de centenas de quilómetros por segundo.

ABC sobre o sarampo

O sarampo é uma doença contagiosa cujo micróbio é um vírus filtrante inoculável no macaco. O contágio existe, sobretudo, antes da erupção, durante o período do catarro óculo-nasal, e desaparece rapidamente após a erupção.

O período de incubação desta febre eruptiva é longo. Há uns 14 dias entre o início da infecção e o aparecimento de nítidos sintomas. É doença muito frequente, sobretudo nas crianças; embora em geral benigna, pode tornar-se mortal nas crianças de pouca idade.

Sintomas: tosse, revelando a auscultação dos pulmões indícios de gripe; conjuntivas vermelhas e lacrimejantes, e de manhã as pálpebras estão coladas aos cantos, onde existe uma gota de pus; das narinas escorre uma secreção serosa, que se torna purulenta; na face interna das bochechas vêem-se pequenas saliências acinzentadas, aureoladas por uma minúscula zona vermelho-escarlate (*manchas de Koplick*, cuja presença é decisiva no diagnóstico).

Este período dura 3 a 4 dias, e a temperatura é, em geral, pouco elevada (37°,8 a 38°).

Depois, a erupção aparece em zonas características: na cara, por detrás das orelhas, nas asas do nariz, na nuca. São manchas redondas ou ovais, pouco salientes, que acabam por cobrir todo o corpo.

O período eruptivo dura 4 a 5 dias. A temperatura atinge o máximo no início da erupção (38°-40°). As manchas empaldecem e desaparecem. Segue-se uma ligeira descamação (queda da pele). Oito dias depois da erupção o doente está curado.

Por vezes há complicações graves. A pior é a bronco-pneumonia, que pode ser seguida duma pleuresia purulenta. Nas crianças debéis esta doença pode conduzir à morte por asfixia ou intoxicação.

O doente de sarampo deve ser isolado. O tratamento consiste em desinfectar o nariz e a garganta; em lavar os olhos com água fervida, ou

NÃO DESPREZEMOS AS CEBOLAS

A cebola tem um valor nutritivo muito acima dos outros vegetais. Para produzir 100 calorias bastam 206 gramas de cebolas, e seriam precisas 548 gramas de repolho, ou 438 gramas de tomates, ou 550 gramas de alface. Além desta força geradora de calorías possui grande quantidade de sais minerais, vitaminas e fermentos importantes.

As cebolas influem muito sobre certos aspectos das secreções glandulares do homem e da mulher, e contém uma substância muito parecida com a vitamina. É, também, chamada vitamina da fecundação, que foi descoberta pela sábio Evans no óleo dos grãos de trigo.

No suco das cebolas existe um produto de acção semelhante à insulina do pâncreas que, como se sabe, é indispensável para o aproveitamento dos açúcares pelo nosso organismo. Esta substância da cebola tem o nome de *gluco-quinina*.

Uma das mais conhecidas virtudes da cebola é a sua propriedade *diurética*, isto é, favorecedora da eliminação da urina.

Tem igualmente uma acção excitante sobre a mucosa gástrica, provocando aumento de secreção e de acidez. É por isso aconselhada às pessoas de digestão difícil ou deficiente secreção gástrica. Estimula ainda a função antisséptica do estômago.

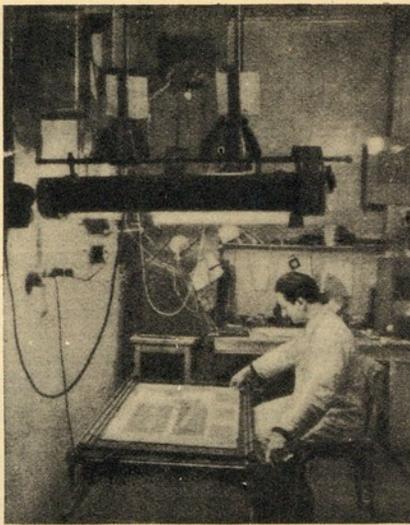
Actuando de maneira eficaz sobre as afecções do intestino, a cebola é recomendada para as diarreias e cólicas intestinais.

A acção da cebola sobre o fígado parece ser também muito nítida, provocando uma maior secreção de bilis.

tratá-los com argilo no caso de conjuntivite. A tosse será tratada com um calmante. Os alimentos serão ligeiros: leite, caldo de legumes.

OS «MICROFILMES»

TODOS ouviram falar já nos «microfilmes», utilizados nesta guerra em larga escala para fotografar a correspondência dos soldados e diminuir, duma maneira fantástica, o volume dos correios. O inventor do «microfilme» foi o belga Robert Goldschmidt, que em 1907 entrevia já todas as aplicações da reprodução dos documentos em filme cinematográfico. As vantagens dos «microfilmes» são: melhor conservação, reprodução exacta dos originais, possibilidade de difundir as riquezas das bibliotecas. A nossa foto representa um operador a filmar uma página de jornal. A máquina encontra-se na parte superior. Por este processo, a página fica reduzida dezóito vezes.



Máquinas que «vêm» e «escolhem»

A célula foto-eléctrica e o thyatron são modernamente utilizados para «escolher» e eliminar os produtos que deslizam numa correia transportadora, e apresentam qualidades não admitidas pelos fabricantes.

A célula foto-eléctrica tem como característica principal a de estabelecer uma corrente eléctrica logo que é impressionada pela luz. O thyatron permite a passagem de uma grande corrente quando estimulado por ligeiro indício de tensão eléctrica.

Fundo a célula foto-eléctrica e o thyatron em posição adequada, de modo que a célula *asseta* à passa-

gem dos produtos na correia transportadora—feijões, charutos, pêsos, queijos, etc.— nada acontece enquanto os objectos apresentarem características normais de luz e cor.

Suponhamos, porém, que em dado momento passa em frente da célula um queijo desembrulhado quando deveria ir embrulhado. A célula, afinada para certa luz e cor, reage, envia um sinal eléctrico avisando o thyatron, e este deixa passar a corrente necessária para accionar um electro-íman que maneja uma alavanca e elimina, para fora da correia, o artigo indesejável.

FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

Médicos de hoje

E' vasto o anedotário acerca dos médicos. Ele perde-se na memória dos tempos. Já os antigos físicos tinham as suas anedotas, bem assim como os «João Semana» dessas aldeias por aí fora.

Mas, hoje em dia, há também umas certas «graças» médicas que têm bastante graça.

Conta-se, por exemplo, que o doutor Júlio Tavares teve um dia de aturar um cliente teimoso como uma parede. A certa altura, disse-lhe:

— Olhe, cavalheiro, tem de começar a levantar-se mais cedo...

E logo o doente:

— Não posso... Creia, doutor, que não posso.

Enchendo-se de paciência, o doutor Júlio Tavares perguntou:

— Então a que horas se costuma levantar?

— As onze da manhã!

O médico sorriu e safou-se com esta que desarmou o doente, por completo.

— Pois bem... Levante-se cada dia meia hora mais tarde e, ao fim de certo tempo, verá como se levanta às oito da manhã...

Mas a melhor de todas é a que se passou com o doutor Oliveira, um jovem loiro, de bigodinho cinfêilo. Formado recentemente, o doutor Oliveira abriu consultório na rua... (dizer tudo não vale!)

Uma tarde destas, entrou no consultório uma senhora, velha, feia, contorcendo-se com dores e queixando-se amargamente:

— Oh, doutor, não sei que sinto... Tenho cólicas, tonturas... Por favor, faça-me um exame geral.

O doutor Oliveira abanou a cabeça.

— Não vale a pena, minha senhora, não vale a pena... Dou-lhe uma receitazinha e pronto!

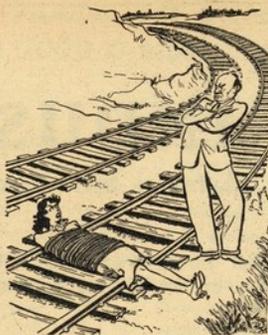
Cinco minutos depois, entrou no consultório uma rapariga deliciosa, queixando-se de dores de cabeça.

Imediatamente, o doutor Oliveira lhe disse, fitando-a com atenção:

— Oh, por quem é... Penso que o seu caso deve ser grave... Quere ter a bondade de se despir, para um exame geral, sim?



— Se o teu amigo tem todos esses predicados que lhe atribues, parece-me que é melhor eu arranjar uma amiga minha... para te fazer companhia a ti...



— Bom, se é assim que resolves as questões, sempre caso contigo!

Três perguntas de algibeira

PREGUNTA — Em que se parece uma dor de dentes com um passageante que queira atravessar o Chiado às sete horas da tarde?

RESPOSTA — Ambos custam a passar.

PREGUNTA — Qual é a última coisa que se faz antes de adormecer?

RESPOSTA — Estar acordado...

PREGUNTA — Qual é o trabalho mais difícil dum artista pobre?

RESPOSTA — O equilíbrio do orçamento...

Graças históricas

UM SEGRÉDO BEM GUARDADO...

O poeta Marmontel gabava-se muitíssimo de possuir o segredo do sucesso de Racine.

Um dia, alguém disse-lhe, com irónica verdade:

— Nesse caso, merece parabéns, meu caro amigo, porque nenhum segredo está mais bem guardado do que esse...

A DOENÇA MAIS TERRÍVEL!

O famoso escritor francês Mongault queixou-se ao seu melhor amigo sobre uma doença horrível que o fazia sofrer imensamente. E intitulava essa doença de «fumaça».

O amigo ficou espantado: — Mas que espécie de doença é essa?

Mongault respondeu com ar aflito: — Sabe lá? É uma coisa tremenda. Imagina que depois que sofro disso, vejo todas as coisas como são na realidade...

QUESTÃO DE PUBLICIDADE...

Certa vez, um indivíduo qualquer apresentou-se ao duque de Malborough rogando-lhe que o protegesse no desejo de angariar um determinado emprego.

Esse indivíduo falou muito de si mesmo, elogiando-se profundamente, e acabou por dizer:

— Tenho mil guineus à sua disposição, senhor duque. E guardarei o mais completo segredo para isso.

— Meu ilustre senhor — retorquiu o duque. — Nesse caso, dê-me dois mil guineus e pode contar isso a todo o mundo...

TEMPOS DE HOJE...



MARIA — O seu chá está maravilhoso, minha querida amiga. Até parece café.

CAROLINA — Não, é apenas chocolate...



— Foi o pai que nos mandou este café cheio de louça suja. Diz para a gente a lavar e devolver o mais depressa possível.



— Se a multa não for superior a cinquenta escudos, deixo-o ficar mesmo assim.



— Tem graça! Cá em casa há seis «chauffeurs», dois mordomos, um jardineiro e dois criados, e, afinal, quem chamaram para a tropa — foi o patrão...

CONFUSÃO...



— Mas ele não me propôs casamento... O que ouviram foi apenas um programa da rádio...

PASSAGEIRA PRUDENTE

(Desenho e legenda de Antero Amaral)

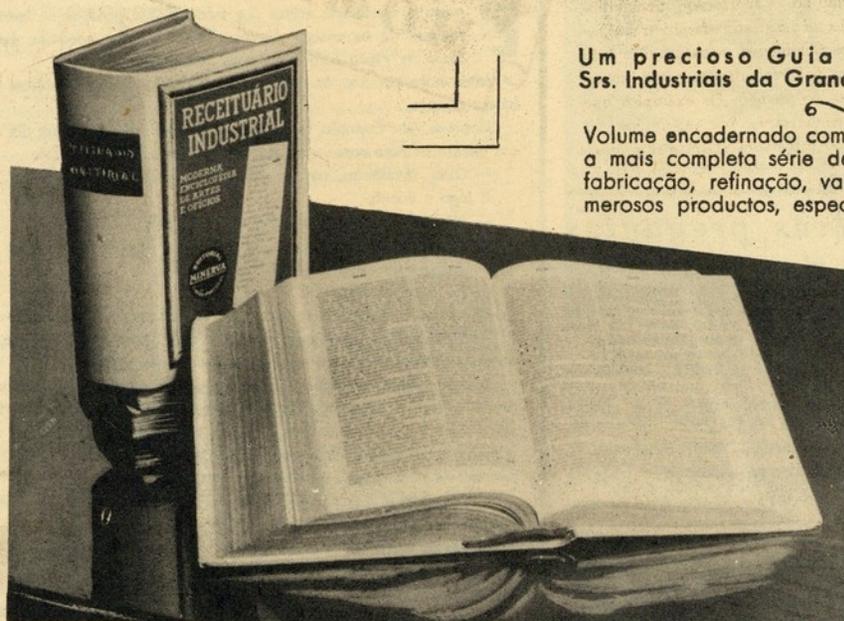


— Levo este baldezinho cheio de água no caso de haver um incêndio a bordo...

ACABA DE APARECER:

RECEITUÁRIO INDUSTRIAL

Enciclopédia de Ofícios, Artes e Indústrias



Um precioso Guia indispensável aos
Srs. Industriais da Grande e Pequena Indústria

Volume encadernado com 1288 páginas contendo,
a mais completa série de receitas e métodos de
fabricação, refinação, valorização técnica de nu-
merosos productos, especialidades, e sucedâneos.

Volume no formato 16x22

Preço
Esc. 150\$00

(Enviamos á cobrança
sem aumento de preço).

Pedidos á **EDITORIAL MINERVA** 31, Rua Luz Soriano, 33 — Lisboa

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por **CHARLES BERRY**

VERSÃO LIVRE DE
GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLEÇÃO
«OS GRANDES ROMANCES
DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA
DE UMA ESPIA RUSSA:
DRAMATISMO, MISTÉRIO,
EMOÇÃO!



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: **VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{DA}**

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA



ACABA DE SAIR:

DOIS RUMOS

Tradução do célebre romance
Inquietudes de Shanti Andia, de

PIO BAROJA

O maior escritor espa-
nhol contemporâneo

DOIS RUMOS

que é o melhor romance do seu autor,
decorre nas margens do Cantábri-
co, depois em Cadiz e, por fim, nas lon-
ginquas terras do Oriente, sempre com
um interesse apaixonante.

*Figuras e paixões humanas
admiravelmente dadas*

À venda em todas as livrarias do Império

Pedidos á **EDITORIAL-SECULO**

RUA DO SECULO, 63 — LISBOA

DEPOIS DESTA GUERRA VAMOS TER MAIS ESTRANGEIRISMOS... EM TODO O MUNDO...

CONSTANTEMENTE, com o decorrer desta guerra, se têm vulgarizado palavras e até expressões que nunca passariam os limites modestos do seu significado local, se realmente as divergências dos homens as não chamassem à pedra. Já não se fala do «tank», do «raid», do «black-out», do «ersatz», do «blitz», nem mesmo do comandante em chefe, da testa de ponte e tantos outros termos que ficarão. Tobruk passou a significar espinho, Dieppe exprimiu lógro, Dunquerque epopeia. Mas, para além deste sentido moral das palavras, há realmente o clima filológico com que muitos jornais nos deliciam, esquecidos de lerer os telegramas que as agências telegráficas despejam nas redacções.

O problema, porém, não é nosso nem é novo. O «cocktail» — perdão, pelo anglicismo... — é universal e as línguas estão a verter-se — e a perverter-se — numa confraternização que os homens estão longe de alimentar entre si.

Recentemente, um jornal holandês falava do assunto em verdadeiro ar de alarme e não nos parece que ande longe da razão quem lançou o S.O.S.

O «Nieuwe Rotterdamsch Courant» consagra um importante artigo à corrupção da língua holandesa, depois que a Holanda foi invadida e ocupada e que numerosos operários foram levados para a Alemanha, onde prestam sua contribuição obrigatória.

O autor do artigo a que nos referimos escreveu:

«O contacto entre o povo e as tropas de ocupação, que dura há cerca de quatro anos, e, ainda, o

emprego de um grande número de holandeses no Reich alemão, tem tido uma certa influência na palavra verbal e escrita. O emprego de germanismos aumenta rapidamente. Mesmo no «Van Honk», uma publicação alemã destinada aos trabalhadores holandeses, encontram-se inúmeras palavras, directamente importadas do alemão. Os exemplos que se encontram, por exemplo, na secção intitulada «Cartas dos leitores» são espantosos — mesmo quando os jornalistas emendam, como podem, os termos destinados a um leitor estrangeiro. Se assim não fôsse, os exemplos de mutilação da língua teriam atingido uma totalidade ainda mais alarmante... Sim, o problema da corrupção da língua é muito grave — e muito mais grave ainda, se nos lembrarmos que, no momento actual, ninguém se pode opôr a essa corrupção».

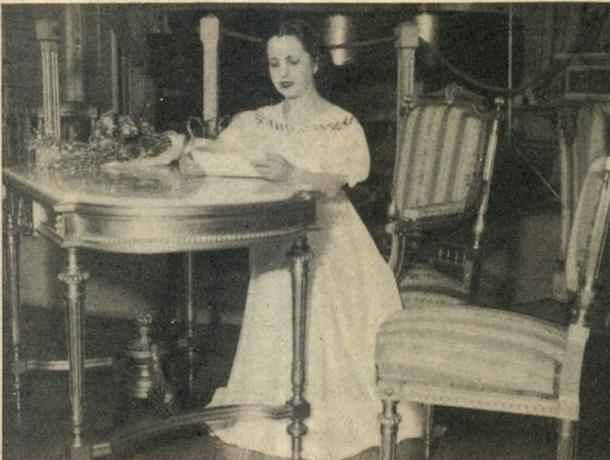
Evidentemente, o problema não pertence exclusivamente à Holanda. A França ressentiu-se do mesmo, a Bélgica e todos os países ocupados seguem-na nas inquietações, do mesmo modo que a própria Alemanha, o país ocupante, sem excluir a Inglaterra, onde os povos refugiados lançam no idioma inglês o inocente perigo das suas influências.

A rádio, o cinema, os boletins de informação, as agências telegráficas completam o resto da acção dissolvente de leis e costumes da ortografia nacional. Quere dizer, no fim da guerra actual, haverá em todo o mundo mais neologismos e estrangeirismos — mesmo nos países em que a virilidade e o hermetismo do idioma se mantiveram até há pouco fechados à influência estrangeira. — J. D.

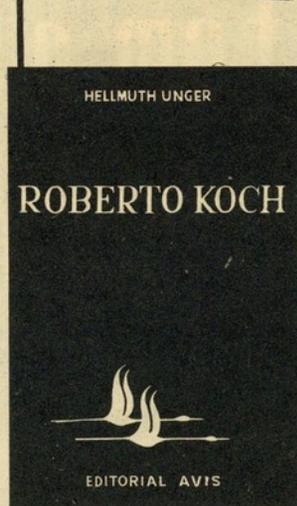
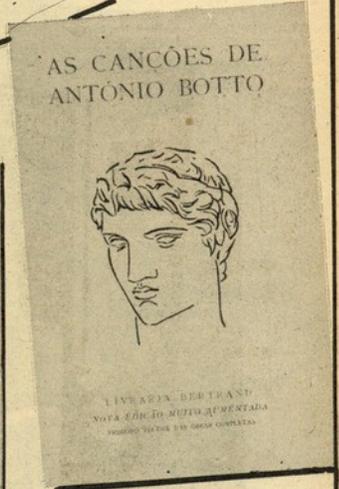
Uma conferência no Instituto Brasileiro

A sr.^a D. Maria Afonso, que se encontra em Portugal depois da queda da França, país em que residia, e onde trabalhava para o seu doutoramento, realizou, há dias, uma conferência no Clube Brasileiro, onde falou de «A voz espiritual do Brasil». Escritora e conferencista, a sua palestra prendeu vivamente a atenção dos ouvintes, dado o seu conhecimento do Brasil, onde foi educada, não obstante ser trasmontana.

Brevemente, a sr.^a D. Maria Afonso fará uma nova conferência na Casa de Trás-os-Montes.



OS LIVROS DO MOMENTO



Os livros que deve ler



VINHO DO PORTO

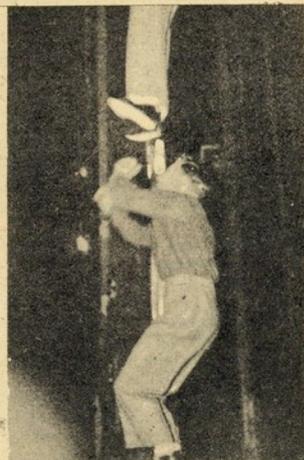
tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO



Este número foi ensaiado num campo de concentração

Este número é um dos mais sensacionais do Circo de Inverno de Paris. Todavia, é ele foi ensaiado num campo de prisioneiros, na França, perante especial autorização das autoridades alemãs. Os irmãos Meteor — como eles se chamam — foram postos em liberdade e são, hoje, a maior atracção de Paris.



Poetra, para o seu temperamento forte de artista. Julieta Castelo, com a sua vozinha de sonho é a «esposa» ideal, sem tirar nem pôr. Alta, magra, bonita, os seus olhos têm mil expressões — a dôr, a melancolia, o desespero, o amor e o ciúme.

Quando o ensaio terminou, tanto Julieta Castelo como Barrêto Poetra já tinham esquecido que o repórter era um intruso. E puseram-se todos a falar, animados. O Barrêto Poetra, segundo disse, já representara «Cobardias» (é o título da peça espanhola), há anos atrás, e nada menos que em Vila Franca de Xira. Depois, repetira-a em Lisboa, no Clube Estefânia, como velho amador teatral que é.

— Quando pisou pela primeira vez o palco? — perguntou o repórter.

— Ele tem um sorriso de evocação.

— Aos nove anos... O programa dizia: «Uma revolta em público», pelo menino Barrêto Poetra...

— Então, já foi menino? — pergunta Julieta de Castro, com uma gargalhadinha nos seus lábios bonitos.

— Pois fui... De lacinhos e trançinhas...

ACREDITO NO NOSSO CINEMA!

Fala-se do novo filme, que irá ter como título: «Um homem às direitas». Barrêto Poetra, exclama:

— De todas as peças que interpretei, «Cobardias» foi a que mais me interessou!

Da peça ao filme há uma pequena história. César de Sá, em conversa com Barrêto Poetra, perguntára-lhe se conhecia algum bom argumento para um próximo filme. E Barrêto Poetra conta-lhe o argumento de «Cobardias».

— Isso é esplêndido!

E foi assim...

Julieta Castelo está encantada por trabalhar com Brum do Canto. Mas os leitores sabem quem é a Julieta Castelo? Não? Mas lembrem-se da Maria Julieta da «Ave de Arribação»? Pois é a mesma... com nome diferente.

— A mesma não — protesta ela — sou outra — os olhos acendem-se — Hei-de ser outra, tenho essa esperança!...

Julieta Castelo faz o primeiro papel do «Homem do Ribatejo».

— Que pena ainda não se ter concluído este filme! — diz Barrêto Poetra levanta-se para sair. O repórter pergunta-lhe:

— Há quanto tempo deixou o teatro?

— Desde 1937.

— Porquê?

— Porque entrei para o cinema...

O repórter pergunta-lhe se não lhe interessava fazer teatro, como profissional. Barrêto Poetra diz que não. Adora o teatro, mas abandonou-o definitivamente.

Uma pergunta, a última:

— E que lhe parece o nosso cinema?

— Acho que temos avançado, se bem que com progressos lentos. Acredito no nosso cinema e vejo-o, dentro de poucos anos, criar corpo e forma.

E com estas palavras animadoras estava terminada a entrevista.

REPÓRTER UM



DUMA PEÇA DE TEATRO ESPANHOLA NASCEU UM FILME PORTUGUÊS...

— Não faça barulho... — murmuram, num assôpro, com o dedo sobre os lábios.

Pé ante pé, silencioso, o repórter foi andando pelo corredor fora. Ouvia-se, um pouco longe, a voz de um homem e de uma mulher, que discutiam. O repórter parou, à escuta. Palavras soltas chegaram-lhe aos ouvidos: «Não sejas egoísta!», «onde está a pistola?», «cala-te, por amor de Deus!»...

Num sussurro, o repórter perguntou:

— Onde é que eles estão?...

— Na «marquise». Há quinze dias que levam nisto...

Sempre silencioso, em bicos de pés, mais desilizado do que andando, o repórter aproxima-se da «marquise». A porta estava fechada. Mas, através do vidro fôco, o repórter via a silhueta de um homem alto, espadado, a andar de um lado para o outro. A voz de uma mulher, repassada de amargura, implorava:

— Não sejas egoísta... Assina, peço-te...

Ele pára um instante. Depois, exclama, colérico:

— Não insistas!



Esta é a verdadeira Tatiane de «TOVARITCH»!

S AFU do cartaz — os reclames dizem que findou o primeiro ciclo de representações — a peça de Jacques Deval, esse discutido «Tovaritch» em que, não há dúvida, Alves da Cunha e Amélia Rey Colaço tem duas excelentes criações. Como se sabe aquela ilustre artista desempenhava o papel de Tatiana — uma arquiduquesa russa que estocicamente enfrenta a adversidade em que a revolução a lança. Vendô Amélia Rey Colaço incarnar tão bem esse excelente papel, o público pensa que a sobrinha do Czar de todas as Rússias não podia, de facto, ser de outro modo: bonita, loira, saías curtas do tamanho dos cabelos, voluntariosa e de cabeça sempre erguida...

Pois não era. E, se quiserem ter uma desilusão sobre o carácter dessa menina — olhem só para a foto que damos acima, em que aparece Tatiana a bailar, de longos e negros cabelos soltos...

Tatiana, como sua irmã Olga, era folgazã, ballava com os oficiais do exército imperial — e fazia confidências ao padre Rasputine...

Um soluçar brando cortou a pausa que haviam feito. Era a mulher que chorava. Mas os soluços depressa se extinguíram. Ela levanta-se, estaca diante do homem. Então, a sua voz que era doce e meiga, tornou-se, subitamente, forte, áspera, brutal:

— Nunca não poderás compreender porque o teu meio não é este!

Ele dá um sóco na mesa. Um grito irrompe-lhe dos lábios:

— Calate!

Depois, veio o silêncio. E o repórter aproveitou aquela trégua na discussão para dar a volta ao fecho da porta e entrar.

ERA UM ENSAIO...

Surpresa, ou talvez aborrecimento, palrou nos olhos de Julieta Castelo e de Barrêto Poetra, ao serem surpreendidos pelo repórter. Estavam de pé, um próximo do outro. Nas mãos, tinham uma folhas de papel dactilografado.

O repórter «sentia» que estava all a mais, que tanto a Julieta Castelo como o Barrêto Poetra prefeririam continuar sós, a trabalhar, mas, bom Deus!, era preciso trazer a notícia...

Eles trocaram um olhar, resignado como quem diz: «que podemos nós fazer contra um massador destes?», e prosseguem na leitura do papel. Barrêto Poetra é o «marido» de Julieta Castelo, ela, uma filha-família aristocrata, é um fanqueiro, com a loja instalada na esquina da rua, homem direito, com uma só linha de conduta, rude mas sincero. É certo que a mamã, a senhora fidalga, hipócrita e preconceituosa, se opõe àquêle casamento, tanto mais que tem um filho, um rapazinho muito cretino, fútil e jogador. Porém...

Mas para quê contar o argumento do novo filme de Brum do Canto?... Além disso, talvez o leitor já o conheça, através da peça que Alves da Cunha representou, há anos, com tanto agrado.

EM VILA FRANCA DE XIRA...

Sentado na cadeira, cigarro esquecido entre os dedos, o repórter ia seguindo o ensaio. Pode-se dizer que o papel foi escrito para Barrêto

DE MANEQUIM A BAILARINA!

CHAMA-SE Gysie e era manequim da casa Patou. Mas também era bonita, com grandes olhos negros, e um corpo esguio, de linhas onduladas.

Gysie tinha um sonho: ser bailarina, uma grande bailarina. O ordenado que ganhava como manequim não era muito, mas Gysie fazia economias, hoje e uma francos, amanhã outros, e conseguia, assim, pagar as suas lições de dança.

Um dia — há sempre um dia feliz — Gysie encheu-se de coragem e foi falar com o director do «Tabarin», que a recebeu pouco carinhosamente. Mas Gysie dançou diante dele — e ele gostou. E foi o começo de uma nova vida para a Gysie...



Obrigado, Lourenço Marques...

FOI há quâsi cinco anos. O navio dobrara o Cabo da Boa Esperança e entrara elegantemente no Indico, rumo ao norte, à procura da terra portuguesa de Moçambique. Não sei porquê, nessa madrugada africana, com o Oceano imenso inundado de luz de prata, não tive coragem de entrar no camarote: havia qualquer coisa de inexplicável, de suave, de perturbador, de profundo, que me adivrava os olhos para a costa cuja sombra se via ao longe, misturada com a neblina. Era, provavelmente, a atracção da África portentosa, do mundo novo e quente, ainda a cheirar a sangue e a suor dos homens da outra geração... Não, não era só isso — havia outra coisa, um enigma a desvendar — uma incógnita, uma revelação — fôsse o que fôsse...

De manhã, sem ter arredado pé da alta ponte do «Colonial», vi, então, esplendorosa e ardente, jovem e rica, profética e magnífica, a terra de África na baía de Lourenço Marques — a cidade com cinqüenta anos, cidade menina mimada e morena, estuante de vida, a estoirar de seiva criadora, tal qual como uma rapariga do mato, desconfiada e bonita...

Mas não era, ainda, a visão apoteótica da cidade em festa, embandeirada e rumorejante, que criara o meu próprio enigma, como se na misteriosa solidão de uma pobre alma errante, desiludida, gasta pela vida e seus vendavais de ódios, tivesse renascido uma chama de arrebatamento, de ilusão, de fé na própria vida...

Desembarcámos num caos que faz sombra ao de Lisboa e embrenhámo-nos nas ruas onde a multidão negra e branca ondulava, a gritar vivas, como num oceano as vagas saltam umas sobre as outras. Asfixiava-se, delirava-se na apoteose. Chorava-se, ria-se — principalmente chorava-se. Porquê? Eu nem sei bem. Sei que, a muitos milhares de quilómetros desta Lisboa mesquinha e chiadeca, cheia de fadistas e de vândos, de invejosos e impotentes, de vencidos e intriguistas, de ignorantes a fazer história e de lustradores de café a tratar de estratégia, havia um povo português, orgulhosamente português, apaixonadamente português, a gritar, com a voz suja de lágrimas e as palavras molhadas de lágrimas e os gritos abafados em lágrimas — o nome de Portugal.

Palavra de honra — era aquilo que eu esperava: era aquela sinceridade, aquela paixão, aquela fogueira a arder no peito da multidão, aquelas lágrimas, aqueles gritos, aquele portuguesismo feroz, louco, desvairado, eterno, apoteótico. Era aquela lição de patriotismo, aquele berro de vida do meu país, da minha raça, do meu sangue que eu esperava, sem saber, quando na madrugada anterior, olhava fixamente, deslumbrado e iluminado por nova fé, do alto da ponte do «Colonial», a terra portuguesa de África...

Obrigado, Lourenço Marques, pela sagrada lição de orgulho em mim próprio e no meu país que recebi nessa tarde de Julho, com as lágrimas altivas do teu povo. Obrigado, a ti, pequenita portuguesa e branca, criança de olhar suavemente negro, que agitavas os bracitos empoleirada num mastro onde o vento batia uma bandeira, pelo grito que deste aos meus ouvidos... Obrigado, Lourenço Marques. Devo-te, cidade heroica, cidade jovem e querida, cidade ainda quente com o sangue de soldados e de mártires — a maior, a mais verdadeira, a mais bela lição de patriotismo de toda a vida.

AMADEU DE FREITAS



FALA-SE ESTA SEMANA

MAXIME VAULTIER



Maxime Vaultier é um elemento conhecido e apreciado no nosso pequeno mundo comercial e industrial, merecendo igualmente o respeito e a estima de quantos franceses trabalham em Portugal. Por isso a sua eleição para presidente da Câmara de Comércio Francesa foi muito bem recebida. Maxime Vaultier é um sincero amigo de Portugal e dos portugueses. O lugar para que foi chamado vai reclamar d'êle uma acção cheia de iniciativas que traduzam, cada vez mais, a compreensão de portugueses e franceses.

S. SCHUMLEVITZ



O Pôrto enviá-nos o último trabalho de S. Schumlevitz, o nosso companheiro de trabalho que há meses seguiu para a Palestina. Trata-se de um volume intitulado «A Abissínia», pequena história de um grande país, onde perpassa toda a trágica odisseia de um povo que não quis nunca viver dominado. O tema é de dois mais actual interesse e está desenvolvido com uma copiosa documentação valorizando-se, ainda pelo conhecimento e estudo objectivos que S. Schumlevitz tão bem sabe emprestar aos seus trabalhos.

DR. ALMEIDA EUSÉBIO



Espírito culto e pena fulgurante, o Dr. Almeida Eusébio, homem de letras e de justiça — julgou e absolveu a mulher de muitas culpas que sobre ela haviam caído, no desenrolar de séculos de má lingua masculina. «Da Mulher — uma plaqueta que contém a conferência pronunciada há meses pelo ilustre advogado na Ordem dos Advogados — é um trabalho literário de valor e, acima de tudo, um reconhecimento dos direitos e dos deveres femininos.

CENTRO DE ESTUDOS, DEMOGRÁFICOS E ECONÓMICOS

O Centro de Estudos Económicos e o Centro de Estudos Demográficos do Instituto Nacional de Estatística reuniram pela primeira vez, numa sessão conjunta, no Instituto Nacional de Estatística. O ministro das Finanças, sr. prof. dr. João da Costa Leite, pronunciou o discurso inaugural.

PORTUGAL-BRASIL

OS pioneiros do bom entendimento de portugueses e brasileiros devem estar contentes. As relações de Portugal e Brasil, o interesse mútuo com que portugueses e brasileiros se procuram entrou numa fase definitiva e aproximativa que as realidades não podem já negar ou apoucar. Os dois países, irmãos na língua e no sentimento, deram-se as mãos e nunca, como hoje, os seus corações estiveram tão perto das palavras. Porque, de facto, do campo das idéias se passou ao campo dos factos — factos que não poderiam realizar-se, é certo, se uma doutrinação, um aplanamento de idéias não tivesse sido preparado carinhosamente pelos homens de letras, pelos altos espíritos das duas nações. Hoje Portugal e Brasil não são apenas duas palavras de sentido literário: tomam uma expressão real — criada pela persistência, pela devoção e pela entusiasmo dos espíritos. Por isso, regozijando-nos com os factos que dia-a-dia se registam nesse grande livro de relações luso-brasileiras — não devemos esquecer que nada do actual seria possível, se à terra não tivesse sido lançada a boa semente que está agora a dar bons frutos. Sem bom terreno, bom fermento e bons lavradores, os campos de cultura transmudam-se em elementos improdutivos e o esforço comum em coisa inútil. Por isso a acção de quantos têm pôsto ao serviço da propaganda gratuita dos dois países, a nobreza das suas convicções, tem de momento uma particular actualidade. Foi assim possível, por exemplo, chegar a êsse magnífico diploma que Getúlio Vargas acaba de promulgar e que assegura aos brasileiros desta parte europeia, o direito — que o dever já o tinham por devoção — de serem também, nesse prolongamento de Portugal na América, brasileiros como os que lá nasceram...

Só quem conhece o volume, o verdadeiro significado da existência que os nossos patrícios levam no Brasil poderá abranger todo o conteúdo do diploma que dá direitos de cidadãos brasileiros a quem leva das ilhas ou do continente todo o altíssimo expoente ríctico, comum de dois povos e de tantas gerações. Portugal tem em África um riquíssimo património territorial que precisa de povoar. Mas porque a raça é prolixa e a gente abunda no continente e ilhas, e porque a matéria humana é sempre e cada vez mais renovável, os contingentes de portugueses encontrarão no Brasil novos horizontes, novos pontos de apoio e campos de actividade.

O diploma é, pois, de um altíssimo valor moral e social. Mas quem o elaborou, olhos, ouvidos e coração abertos à verdade e às razões humanas que desde há quatrocentos anos estabeleceram raízes migratórias entre dois grandes continentes — é também um altíssimo expoente da nossa época e uma inegável afirmação de bem servir interesses tão comuns como o sangue que nos gira nas veias...

O director do Hospital Escolar de S.^{ta} Marta fala da Penicilina



AVIDAMENTE, o público tem seguido o caso da Penicilina. E a fantasia, que logo andou na boca do povo, apresenta coisas inverosímeis que é preciso desfazer. Assim, diz-se que o tratamento por aquê remédio orça por trezentos contos, como se a morte pudesse ser afastada por uma fortuna. Acham que na Penicilina está a vida — daí a ansiedade crescente com que se fala nesse remédio. A popularidade da Penicilina deu-a Churchill, quando na vinda do Próximo Oriente, acometido de pneumonia, foi tratado pelos médicos militares ingleses.

Logo os jornais espalharam por todo o mundo o nome da Penicilina. Os exércitos americanos e ingleses têm Penicilina para os seus soldados — e só uma percentagem é cedida às populações civis.

Além disso, a Penicilina ainda não entrou no domínio de industrialização, e não passa de preparação de laboratórios. Porém, entre nós, toda a gente deseja ser tratada pela Penicilina. Julgam que ela é infalível para tudo. De modo que os pedidos chegam a atingir a loucura. Metem-se empenhos para alcançá-la — e todos os dias o Prof. Adelino Padesca é assediado com pretensões, aliás injustificáveis, porque o Hospital de Santa Marta não tem uma ampola.

Era necessário repor as coisas no seu devido lugar. Foi por isso que procurámos o ilustre clínico que, no seu gabinete de trabalho, donde dirige há onze anos o Hospital Escolar, respondeu à primeira pergunta:

— A Penicilina de Fleming (1929), provém do *Penicillium notatum*, e é de todas as substâncias produzidas por fungos a que despertou maior atenção. Há outras substâncias no mesmo fungo e também muitas outras espécies de fungos, de que se têm extraído substâncias cuja actividade antibacteriana é incontestável, como, por exemplo, o *P. claviforme*, *resiculosus*, *citrium*, *Aspergillus* e vários...

E, depois de uma pausa:

— A Penicilina não é substância inteiramente inócua e desprovida de acções accesorias desagradáveis; no entanto, largamente empregada nos serviços de saúde norte-americanos, pode-se dizer conhecida a sua eficácia em muitas injeções graves, com excelente tolerância.

— E como foi introduzido o novo tratamento em Portugal?

— Há cêrca de dois meses, o meu colega, velho amigo e antigo discípulo, dr. Nicolau Soares da Costa, de S. João da Madeira, recebeu do Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, uma remessa de penicilina em ampólas para um seu doente, que sofre há três anos duma estafilococcia grave e rebelde. Mas de 12 ampólas injectáveis só chegaram intactas sete, e de uma dúzia destinada à lavagem de fistulas apenas pôde aproveitar uma. Apesar de tudo, obteve melhoras, e anda à procura de mais penicilina, pois o seu doente está internado num sanatório do Norte.

— E a Penicilina que veio do Brasil ultimamente?

— A remessa entregue no Hospital Escolar pela Embaixada do Brasil seguiu na mesma tarde para o Prof. Ramalhão, do Pôrto, para tentar salvar uma vida, pois não havia no momento nas várias clínicas de Santa Marta caso urgente de feição céptica, grave, resistente às sulfamidas. Tão grave era o caso — de cepticemia estreptococcica — que a doente não pôde vir para o Hospital de Santa Marta, por não estar transportável. Nessa mesma tarde de 11 de Abril fez-se a primeira injeção intraglútea com a doente em estado semi-comatoso e outras foram dadas sucessivamente até à manhã de 14, com notáveis melhoras, que só se manifestaram a partir do emprêgo da Penicilina. Da remessa de 12 ampólas só uma não estava intacta. Acabada a dose proveniente do Instituto Oswaldo Cruz, a doente continuou o seu tratamento com Penicilina que fôra previamente pedida à América mas que não chegou a tempo, e se não fôra a remessa urgente por avião, para o Pôrto da substância proveniente do Brasil, não teria a doente experimentado alívios. O Prof. Ramalhão e os seus colaboradores continuam seguindo o caso com análises de sangue e mais elementos de observação clínica e laboratorial, devendo depois remeter-me o respectivo relatório, para fins científicos.

— Mas não podia dar-nos algumas informações concretas a respeito da aplicação da Penicilina?

— A quantidade de Penicilina vinda para Portugal é mínima, até à data, se encararmos as possibilidades da sua acção e o número de pessoas aflitas, por quem fui solicitado de vários pontos do país e mesmo de Espanha. De muitos desses casos não havia, na verdade, nada que esperar da acção do remédio — primo-infecção tuberculosa e outros — mas em alguns havia certamente uma real indicação.

— E a ansiedade do público responderá, de modo geral, aos resultados obtidos com o novo remédio?

O Prof. sr. dr. Adelino Padesca sorri:

— A Penicilina não é um remédio milagroso nem infalível, meu amigo. É um agente terapêutico interessante, mas que precisa de ser conhecido. De resto, a cura duma infecção aguda não depende exclusivamente do medicamento empregado mas de circunstâncias múltiplas

(Continua na pag. 24)

NOTAS RÁPIDAS



A caixa de Abôno dos Gráficos recebeu, há dias, a visita do sr. sub-secretário das Corporações que, assim, quis pessoalmente interessar-se pelo funcionamento daquê organismo. Vemos na foto o sr. Francisco Mega, prestando alguns esclarecimentos ao sr. sub-secretário das Corporações, Dr. Trigo de Negreiros.



O Ateneu Comercial distribuiu, há dias, os prémios aos vencedores da I Exposição Bibliográfica de Turismo e Propaganda de Portugal. Presidiu um representante do presidente do Município e completou a sessão uma conferência do sr. Prof. Dr. Moreira da Rocha Brito.



Pela Páscoa, os pequeninos doentes do Sanatório de Outão tiveram um dia diferente: Luiz Ferreira, o «Tio Luiz» da petizada, foi-lhes levar brindeos e amêndoas numa jornada carinhosa de todos os anos, levada a cabo com a colaboração da «República». Aqui vemos «Tio Luiz», ao lado de uma doentinha, satisfeita com os presentes que acaba de receber.

Espectáculos para as crianças

LEIO, nos jornais brasileiros ultimamente chegados a Lisboa, que acaba de ser inaugurado, na Cinelândia, no coração do Rio de Janeiro, um novo cinema que apresenta programas constituídos exclusivamente por filmes curtos. Do espectáculo inaugural fazem parte três desenhos animados, um pequeno filme de danças exóticas, uma viagem colorida, aventuras da Pandilha, dois jornais de actualidades, etc. Cada sessão dura cerca de uma hora, ao preço único de 1\$50. As «matinéas» são especialmente dedicadas às crianças e os programas orientados no sentido das suas preferências e do género de filmes que o bom senso aconselha. A dois passos desta sala, que se denomina pitorescamente «Cineac O.K.», temos «Frianos», também com «matinéas» infantis diárias — e pasmem, leitores! — das nove da manhã às 5 da tarde, em sessões contínuas, e, conforme reza o programa, com «distribuição gratuita de sorvete a todas as crianças». No programa figuram o Popeye, Pluto e o Urso Barney, em deliciosos e fantásticos desenhos animados; uma comédia de Andy Clyde; actualidades; filmes educativos, etc.

Quere dizer: as crianças do Rio de Janeiro têm diáriamente mais do que uma «matinée» com programas expressamente organizados para elas e podem, assim, colher do cinema o doce fruto de uma distracção, orientada no melhor e no mais loutável sentido. O facto avulso, se compararmos o que se passa entre nós, onde as iniciativas semelhantes raramente surgem por falta de incentivo — neste caso, de público. Outro tanto não sucede no Brasil, onde até as salas podem distribuir gratuitamente as melhores guloseimas aos seus pequenos espectadores.

Em Portugal, com efeito, a experiência não vingou. Há alguns anos, o «Central» organizou programas, nos mesmos moldes, e também com preço único, aliás reduzido. Sessões de uma hora, com carácter de continuidade. E teve que mudar de exploração, antes de abrir falência... O público não ocorreu, e desinteressou-se progressivamente. Um espectador, à saída, parece ter resumido, num comentário, o segredo do insucesso:

— Afinal, um programa só de «acompanhamentos». Calcula tu, se te dessem apenas, para jantar, azetonas, alfaces e umas rodela de paio com mostarda... Eu cá, por mim, ainda vou por uma boa sopa — e uma valente chispalhada...

E é por causa da sopa e da chispalhada que existem hoje os programas de reprise, com duas produções de grande metragem e respectivos comentários: o filme de desenhos, as actualidades, etc. Outra iniciativa, outro exemplo e outro conclusão — as «matinéas» «Mickey». Todos se lembram desses espectáculos, organizados para as crianças, com oito filmes de Walt Disney e um intermédio cómico, no palco. A princípio, as mããs e os papás levaram os pimpolhos a assistir a tais sessões. Mas a pouco e pouco foram considerando que era uma tremenda maçada «gramar» aqueles programas para entreter mentnos. Depois pensaram que, no cinema ao lado, ia uma fita da Hedy Lamarr muito mais interessante concerteza. Os miúdos deviam apreciar também, porque o cinema sempre distrai. E quanto aos bonecos animados, tinham um, no programa, para matar saudades. E, a pouco e pouco, as «matinéas» Mickey foram ficando desertas... E os meninos passaram a ir ver a «Rebecca», «A Loja da Esquina» e o «Sangue e Arena»...

No momento em que no Rio de Janeiro abre um novo cinema com sessões infantis diárias, vale a pena evocar estas realidades, para concluir que as crianças brasileiras são mais afortunadas do que as de Lisboa, não por terem espectáculos próprios para o seu entendimento e a sua idade, e iguais afinal nos que já foram organizados entre nós, mas porque os seus pais revelam, por esses mesmos espectáculos, o interesse e a compreensão que não se manifestaram no caso nacional.

A incompreensão alfacinha, de que apontámos um simples fenómeno, explica, só por si, muitas coisas. E no dia em que houver desaparecido, por via de uma educação complexa, que está toda por fazer, morrerão menos crianças por se pendurarem nos eléctricos, veremos menos meninos a assistir a espectáculos impróprios para a sua mentalidade — e talvez seja possível retomar com êxito a falhada experiência das «matinéas» infantis...

FERNANDO FRAGOSO

Tristes aspectos de um momentoso problema

Um armazém de séca de bacalhau, transformado em cinema

O artigo que publicámos sobre a insuficiência das instalações dos cinemas da Província provocou, por esse País fora, o maior e mais entusiástico movimento de interesse. Recebemos muitas dezenas de cartas, em reforço dos exemplos aduzidos. Aquil, é uma máquina, a cair de velha; acolá, uma sala de telha vã, onde o vento balla e rodopia; tão depressa os leitores da «Vida Mundial Ilustrada» se queixam de que os filmes se exibem a desfazer-se, como verberam a falta de visão das Empresas, procurando «defender» o negócio à custa de fitinhas baratas e sem interesse, quando afinal o que pagam a mais pelas boas é largamente compensado com a afluência do público. Citam-se terras da Província, cujas salas desertas passaram a registar enchentes, logo que, tendo mudado de gerência, a nova empresa começou a dar bons filmes.

Entre todas as cartas recebidas, destacamos, por nos parecer elucidativo, o seguinte trecho da que nos foi dirigida pelo sr. Mário Lopes:

«Aquil, na minha terra, vila séde de concelho, com cerca de 16 mil habitantes, existe um desses tais cinemas há já perto de 14 anos e os seus proprietários poucos ou nenhuns melhoramentos lhe têm introduzido. É um fraco salão — antigo armazém de séca de bacalhau — que apenas tem duas entradas, aproximadamente com 1 metro de largura. E, na sua maior parte, construído de madeira, e não obstante pode-se «fumar» lá dentro, sem receio de qualquer incêndio ou incómodo dos espectadores. Os programas que o mesmo exhibe são geralmente antiquados, havendo sessões em que o filme quebra 5 e 6 vezes. Quando são filmes portugueses, a maior parte dos diálogos não é percebida devido à fraca aparelhagem sonora. «E esta a triste situação em que se encontra o cinema de... terra que pelo seu valor há muito, mas muito, merecia ter uma casa de espectáculos à sua altura, o que infelizmente não sucede».

Omitimos, proposadamente, o nome da localidade, para que não se julgue que queremos atingir A. B. ou C. Limitamo-nos a encarar o problema na generalidade e os casos concretos só nos interessam para ilustrar o panorama, no seu conjunto.

Ao «slogan» Mais cinemas!, teremos que acrescentar: «E melhoria das instalações dos existentes!». No dia em que tais clamores forem ouvidos, o Cinema Nacional terá dado um passo em frente.

Bonecos animados



— Porque será que tu nunca me beijas assim?!

— Que idéia, mulher! Sabes lá o dinheiro que lhe pagam para fazer aquilo!

“BARRIGUDOS, PRECISAM-SE”!

RECORTAMOS do «Jornal do Brasil», o seguinte anúncio, sob o título de «Óptima oportunidade para os barrigudos»:

«Precisam-se de senhoras e homens, o mais obesos possível, para tomar parte no filme «Tristezas não pagam dívidas». Os candidatos queiram apresentar-se, com urgência, nos «estúdios» da Empresa Atlântida, à rua Visconde do Rio Branco, 51».

De facto, numa época de restrições, só por anúncio é que aparecem obesos em quantidade...



Para o filme «Du Barry was a Lady», o desenhador Varga, célebre pelas figuras de mulher que ilustram as páginas de «Squire», teve que seleccionar, entre centenas de raparigas americanas, as mais perfeitas, sob determinado aspecto estético. Os resultados estão patentes nesta foto e enumeramos, a seguir aos nomes, entre parêntesis, os atributos que as distinguem! Assim, da esquerda para a direita, temos Aileen Haley, (busto); sentada, Kay Alridge, (perfil); Hazel Brooks, (pernas); Georgia Carrol, (olhos); sentada, Eve Whitney, (cintura); Inez Cooper, (mãos); Ruth Ounberg, (ancas); reclinada, Kay Williams, (braços); Dorothy Haas, (tornozelos); Natália Draper, (lábios); Theo Coffman, (pés); Mary Jane French, (cabelo). A revista americana que publicou esta foto, dirige-se aos leitores, no final da legenda, nos seguintes termos: «Desculpem-nos, amigos! Mas nenhuma destas raparigas tem telefonel...»





RAIMU o grande e talentoso actor francês que foi há pouco contractado para o mais elevado grau do teatro da França: "La Comedie Française", regressa a Portugal num filme extraordinário

A SUA MAIOR CAUSA

(LES INCONNUS DANS LA MAISON)

QUE O *GINÁSIO* APRESENTA A PARTIR DE HOJE.

A SUA MAIOR CAUSA é um filme e é uma lição para os pais que abandonam os filhos a si próprios durante a adolescência.

ECONOMIA
E DURAÇÃO

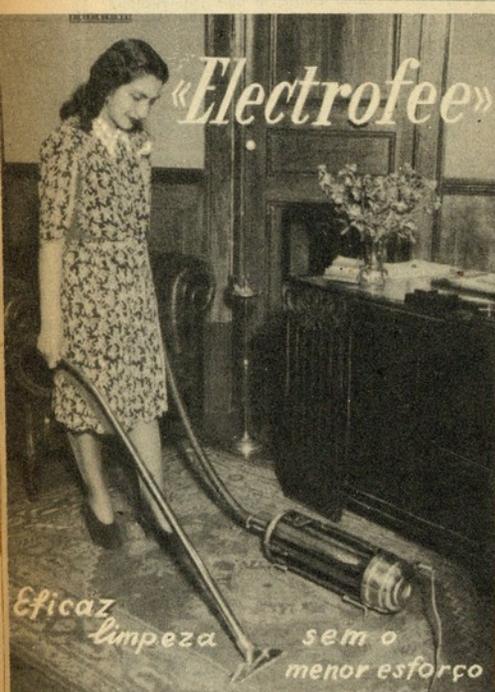


Uma lâmpada nacional

O QUE DEVE POSSUIR

uma

BÓIA HABITAÇÃO



«Electrofee»

*Eficaz
limpeza sem o
menor esforço*

ARNOGEHA, L.^{da} - R. da Conceição, 75, 2.^o - Lisboa
DEMONSTRAÇÕES GRATUITAS AO DOMICILIO - Tel. 28117



*Casa das
Utilidades*

TUDO PARA
CENÁRIO MODERNO



Porcelanas
da
VISTA ALEGRE

A venda em todas as boas casas da especialidade
e nos seus DEPOSITOS de LISBOA e PORTO



QUE PRAZER!
QUE SOM
MARAVILHOSO!

CENTRUM

IGNORIDADE INCOMPARAVEL — PERFEITA CAPTAÇÃO, — SEM RUÍDOS

RADIO INDÚSTRIAS, L.^{da}
Rua da Madalena, 85, s/l. — LISBOA — Tel. 21219



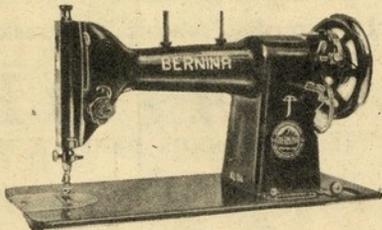
**JOIAS
RELOGIOS**

CASA ANIBAL TAVARES
R. DA PRATA 95-97

**PRATAS
ARTISTICAS**

Telef. 25858

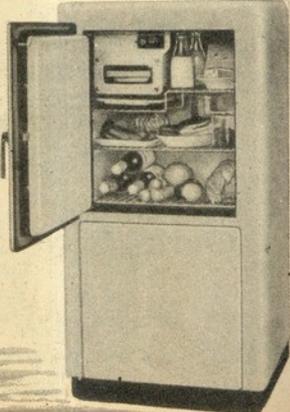
Cosa com...



"BERNINA,"
A MÁQUINA QUE APRESENTA
O MAIOR NUMERO DE VANTAGENS

Frigoríficos Domésticos

Therma



CASA CAPUCHO

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

Luis Piçarra, Maria Sidónio e Maria Gabriela conservaram as suas posições! Maria Sidónio ganhou a 7.ª etapa

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A maneira que se aproxima dos lances finais, a luta entre os simpatizantes das vedetas radiofónicas aumenta de intensidade.

Semana a semana, a nossa secretária enche-se de votos vindos de todas as partes do país, e grande parte deles acompanhados por palavras sinceras equentes de incitamento aos seus favoritos.

Conforme tínhamos sugerido, por altura da quinta etapa, os clubes desportivos e os postos de rádio resolveram descer à liça, travando cerrado combate pelas vedetas que lhes pertencem.

Foram apenas alguns que compreenderam o nosso alvitre, é certo. Mas acreditamos que até final os outros também perceberam a vantagem que pode resultar desse interesse colectivo pelos artistas que os representam.

Enfim, vem já perto o momento em que se poderá proclamar qual o artista português mais popular da rádio. Até lá, a luta continua...



Fernando de Oliveira, que tem sido a revelação deste Concurso

COMENTÁRIOS À 7.ª ETAPA

Esta 7.ª etapa tem uma história curiosa: nos primeiros dias, os votos chegados deram a supremacia a Maria Gabriela.

Chegámos a pensar que ia haver grande surpresa na classificação geral. Contudo, ao fazer-se a contagem de segunda-feira, apareceu-nos à frente Luis Piçarra.

Foram chegando mais votos... Na terça-feira, Piçarra continuava à frente da classificação da etapa. Mas na quarta-feira, uma carta enviada por 150 sócios do Benfica, fez com que Maria Sidónio passasse, inesperadamente, para o primeiro posto. E, assim, foi ela quem ganhou a 7.ª etapa com uma diferença de 2 votos.

Eis a classificação da 7.ª etapa:

1.ª — Maria Sidónio.....	248 votos
2.ª — Luís Piçarra.....	246 »
3.ª — Maria da Graça.....	191 »
4.ª — Fernando de Oliveira.....	72 »
5.ª — Maria Gabriela.....	57 »
6.ª — Etlvina Maria.....	20 »
7.ª — F. Curado Ribeiro.....	19 »
8.ª — Graciete de Melo.....	13 »
9.ª — Milly.....	12 »
10.ª — José Pessoa.....	11 »

Há vários factos a registar nesta etapa mas, primeiramente, é justo destacar a magnífica performance do artista Fernando de Oliveira, do Clube Radiofónico de Portugal, que tem sido uma das grandes revelações de popularidade neste Concurso.

Maria Gabriela que, nos primeiros dias da semana, parecia destinada a grandes vóos, acabou por ficar em 5.º lugar. Tudo isso, decerto, por causa da ingratidão ou da negligência dos seus admiradores.

A CLASSIFICAÇÃO GERAL

Atendendo muitos e variados pedidos que nos têm sido dirigidos, damos hoje, excepcionalmente, a classificação geral dos primeiros quinze lugares:

1.ª — Luís Piçarra.....	2.175 votos
2.ª — Maria Sidónio.....	1.781 »
3.ª — Maria da Graça.....	1.459 »
4.ª — Maria Gabriela.....	979 »
5.ª — Graciete de Melo.....	516 »
6.ª — Curado Ribeiro.....	418 »
7.ª — Fernando de Oliveira.....	237 »
8.ª — Oscar de Lemos.....	228 »
9.ª — Cidália Meireles.....	133 »
10.ª — Maria Teresa de Noronha.....	105 »
11.ª — Maria Domingas.....	101 »
12.ª — Milly.....	85 »
13.ª — Etlvina Maria.....	63 »
14.ª — Orlando Settimelli.....	59 »
15.ª — Tito Lívio.....	28 »

QUEM GANHARÁ?

É aproveitar as últimas etapas, leitores, para fazer triunfar os vossos favoritos. Como já dissemos, basta enviar o cupão colado num postal. Ou, então, uma só carta pode trazer muitos cupões.

E, depois, é bom não esquecer que o sortelo de seis tentadores prémios e a oferta das fotos autografadas pelos artistas vencedores — serão a justa recompensa para a vossa fidelidade e para a vossa persistência. Portanto, para a frente: ajudad a proclamar o artista vosso favorito como a vedeta portuguesa mais popular da Rádio!

(Leia na página 24 a lista dos valiosos prémios deste concurso)



O MAIS POPULAR CLUBE NOCTURNO DA AMÉRICA

FALANDO no «Nick's» fala-se em Nova-York nocturna, com os seus clubes, a sua alegria, a sua juventude, a sua originalidade.

«Nick's» é, incontestavelmente, o mais popular clube nocturno da América. Ai se reinem diplomatas e celebridades, a mocidade ávida de prazer e os estrangeiros ávidos de curiosidade.

Eis um aspecto do «Nick's» e da sua famosa orquestra, onde são ídolos o clarinete Pee Wee Russell e o guitarrista Eddie Condon.

Quinze minutos de Vida Mundial

NICIOU-SE na passada quarta-feira, 12, pelas 21 horas e 30 minutos, o novo programa radiofónico «Quinze minutos de Vida Mundial», transmitido pelo popular pósto emissor Rádio de S. Mamede, com a colaboração de Vida Mundial Ilustrada.

Agradecemos aos leitores que tiveram a amabilidade de nos endereçar o seu aplauso por esta nossa nova iniciativa e congratulamo-nos com o interesse que a mesma despertou nos meios radiofónicos da capital.

Estamos envidando os melhores esforços para que, dentro em breve, um dos postos do Pôrto possa também oferecer aos rádio-ouvintes da capital nortenha uma versão do programa «Quinze Minutos de Vida Mundial», o qual, repetimos, encerra um noticiário vivo e sugestivo dos mais importantes acontecimentos nacionais e estrangeiros.

«Quinze Minutos de Vida Mundial» é um arranjo radiofónico do escritor Gentil Marques, nosso camarada de redacção, e do actor Rui Furtado

e obedece no seu conjunto à expressiva legenda de infício: «Saiba o que se passa pelo mundo — e conheça melhor a Vida!».

«Vida Mundial Ilustrada» satisfaz-se com o êxito obtido na primeira emissão e recomenda aos seus leitores que às vinte e uma horas e trinta minutos de cada quarta-feira liguem o seu receptor para Rádio de S. Mamede e escutem «Quinze Minutos de Vida Mundial».

A música clássica está de novo na moda

SOBRETUDO, em Inglaterra, parece, na verdade, que a música clássica voltou a conquistar os favores do público.

Já antes da guerra ela mantinha deferências especiais, junto das classes de elites. Contudo, depois, com a grande série de concertos sinfónicos organizados para os soldados — a música clássica passou a conquistar milhares de adeptos no meio das multidões anónimas.

E assim, hoje em dia, é raro o inglês que não prefere, indubitavelmente, aqueles espectáculos concertos onde a boa música clássica lhes faz esquecer os horrores da guerra e lhes dá esperanças dum mundo melhor...



Harry James

ESTES SÃO OS REIS DO RITMO!

Eis, para os leitores apaixonados pela música, um frizo dos reis do jazz. Não é necessário acrescentar comentários, supomos: todos estes nomes são bem conhecidos. Faltava apenas conhecer-se os seus rostos. E eles aí estão, sorridentes, joviais, alegres. Os homens do ritmo!



Tommy Tucker



Eddie Miller



Tommy Dorsey



Jess Stacy



Dick Haymes



Kay Kyser



Willie Johnson

CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

9.ª etapa

Voto em

Pósto em que trabalha

Nome

Morada

Tudo para menage → **Au Menage Ideal. Lda**

RUA DA PRATA 162-166
Telefone 21520

SUISSE

Mondia

relógio

TITAN
 SUISSE

DUAS MARCAS QUE MARCAM CERTO

...Aqui América

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA
 (RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEO	19,6
13,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WRUW	25,6
					WBOS	19,7
14,45	WRUS	19,8	WRUA	25,5	WRUW	25,6
17,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WRUL	19,5
18,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WRUL	19,5
19,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WGEX	25,3
					WGEX	25,4
20,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WGEX	25,4
					WGEO	31,5
21,15						
21,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WRUL	25,8
					WKLJ	30,8
22,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WKLJ	30,8
23,45					WKLJ	30,8

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA



Espehantes de lustro, muitos fatos teriam de ser camuflados como os cromados dos automóveis, se não fosse o milagroso

CASULO Limpa-Fatos

que suprime por completo o lustro no vestuário

Lustro, nódoas, mau cheiro, são eliminados e os fatos ficam parecidos novos e duram mais. Compósito feliz de 6 substâncias químicas inofensivas, actua sobre os tecidos, renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto

Em todas as dro-
garias

Revenda:

Schroeter & Almolda
R. da Madalena,
128, 2.º andar —
LISBOA



Os prémios do nosso concurso "Qual a vedeta mais popular da nossa rádio"?

(Continuação da pág. 21)

Os prémios deste nosso concurso são valiosos. Dos que vale a pena serem disputados. E em vez de cinco, como temos anunciado, serão seis — a sortear entre os leitores que tiverem votado nas vedetas classificadas nos seis primeiros lugares. Esses prémios — que estarão expostos, a partir de hoje, na mostra da Casa Sasseti, na Rua do Carmo — serão os seguintes:

- 1.º — Um magnífico aparelho de telefonia «Paillard», dos mais modernos modelos desta marca.
- 2.º — Um relógio de pulso para senhora da grande marca «Longines», com o respectivo estojo.
- 3.º — Um serviço de «toilette» do mais fino gosto.
- 4.º — Um lote de perfumarias de uma das melhores marcas: «Jour de Noël».
- 5.º — Uma caixa de 12 garrafas de vinho do Porto «Ramos Pintos».
- 6.º — Uma caixa de 12 garrafas de vinho do Porto «Rodos».

Como se verifica, leitores, os prémios são de tentar. E para os poder ganhar basta simplesmente ser concorrente ao nosso concurso. Concorram, portanto! Um simples voto pode ser o bastante. E há tantas horas de sorte... E tentar!

AS FABRICAS VULCANO E COLARES L. DA

os mais antigos fabricantes de aço ao cadinho, do país

com as mais recentes instalações de aço vazado ao convertidor

mantêm as suas oficinas à disposição da industria nacional.

Não é o hábito que faz o monge?

(Continuação da pág. 7)

Iguais para mim, não sabia distinguir Vossa Excelência!... Pershing sorriu e, colocando-lhe a mão no ombro aconselhou: — Está bem, homem, está bem, compreendo e não te aflijas que não tem importância de maior. Livra-te mas é de te confundires com algum sargento!...



A PENICILINA

(Continuação da pág. 17)

plas inerentes a cada caso. Conhece-se bem, por exemplo, a acção do soro específico na difteria: contudo, mesmo devidamente aplicado, uma ou outra vez ainda se morre desta doença. A Penicilina é um remédio como qualquer outro.

Como o volfrâmio, que trouxe a febre do ouro e lançou multidões nas mais estranhas aventuras, a Penicilina veio criar no nosso público a magia das curas milagrosas. Já se fala por aí em trezentos contos para se obter a cura das mais estranhas doenças. Mas a ciência é cautelosa e não tem ilusões: tem apenas convicções...



Rainha da Hungria

3 produtos indispensáveis à pureza e frescura da epiderme. SÃO PRODUTOS



Mme Campos

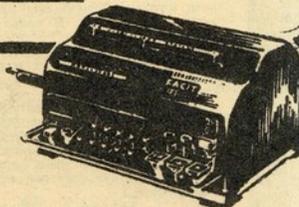
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 - LISBOA
TEL. 21866



FÁCIL DE MANEJAR!
COM A FACIT PODE-SE TRABALHAR COM A MÃO ESQUERDA...

FACIT

... FICANDO A DIREITA LIVRE PARA CONFÉRENCIAS, ETC.



Manual e Eléctrica — 4 modelos

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, L. DA

RUA DA PRATA, 145
LISBOA
Telef. { 25281
22102

R. SÁ DA BANDEIRA, 339
PÓRTO
Telef. 1248

NOTAS DE GUERRA



Von Rundstedt, general do exército alemão, é o comandante supremo das tropas de ocupação em França. A sua responsabilidade é pesada como poucas, por isso que tem de combater um inimigo invisível — sem falar do estado de sobreaviso em que permanece o exército vigilante de um território que se anuncia em vésperas de ser invadido. Aqui vemos o grande oficial em inspeção às tropas.



A camuflagem atinge paroxismos de fantasia — e nisso os americanos são exímios. Eis um petroleiro disfarçado de peixe-monstro, a singrar em pleno Atlântico. Haverá algum ser que se iluda — desde os peixes aos soldados alemães?



Esta foto poderia não ter importância de maior, se não fosse a guerra actual: foi feita à noite, noite cerrada de black-out londrina, quando as bombas da Luftwaffe caíam ao longe da magnífica capital de São Paulo. Um canhão anti-aéreo disparou — e o fotógrafo aproveitou a luz, para disparar também.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



JAWAHARLAT NEHRU — Esta figura do mundo internacional volta a ter actualidade: ultimamente, a Imprensa assinalou algumas novas dissidências na Índia, fomentadas por hindus, árabes — e, naturalmente, ingleses. No meio dessas dissidências, avulta, claro, Jawaharlal Nehru, chefe do partido nacionalista indiano, mas do lado oposto a Gandhi, que também é nacionalista. De facto, Nehru consegue ser esta coisa estranha e paradoxal: chefe de um partido nacional-socialista — que não tem nada com as idéias da política oficial alemã.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana

O COMÊÇO DA OFENSIVA

NA noite de 17 para 18 de Novembro tudo estava a postos para dar comêço à ofensiva. Os dois corpos blindados britânicos do comando respectivamente dos generais Austen e Norrie, estavam divididos em três grupos principais. O primeiro encontrava-se nas proximidades de Bir Shegga e tinha por missão atravessar a fronteira e seguir na direcção noroeste procurando alcançar, o mais rapidamente possível, a cidade de Tobruk. Um segundo grupo, constituído sobretudo por tropas indianas e neo-zelandesas devia ladear a linha de fortificações que as forças do Eixo tinham construído ao longo da fronteira apoderando-se, pela retaguarda, dessas fortificações. O terceiro grupo incluía, além de forças inglesas e sul-africanas, a 5.ª divisão indiana, que tão grande notoriedade tinha alcançado em emprêsas anteriores, e devia, partindo do oasis de Giarabub, tentar interceptar completamente o sistema de comunicações do inimigo.

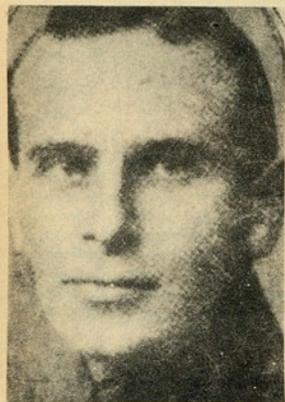
A noite de 17 para 18 de Novembro, marcada pelo comando para o início da ofensiva que devia conduzir pela destruição das forças blindadas do Eixo à eliminação destas do teatro de operações africano, foi particularmente chuvosa. Ao dealbar as divisões blindadas britânicas começaram a avançar de acôrdo com o plano previsto. Foi o segundo corpo blindado que começou a movimentar-se primeiro, a fim de atingir a linha fortificada do Eixo e de a ladear, conforme estava previsto para ulteriormente proceder à sua ocupação.

O primeiro comunicado divulgado no dia seguinte no Cairo dando conta do início da ofensiva, acrescentava as seguintes palavras: «Tão hábilmente se insinuaram as nossas forças nas linhas defensivas do inimigo, e foi de tal maneira cautelosa a preparação do avanço que pode dizer-se que a intervenção dos aviões de observação inimigos quasi se não fez sentir durante esta primeira fase das operações.» Isto significava que o comando britânico estava convencido de que o efeito de surpresa, com o qual aliás sempre contara, tinha resultado plenamente.

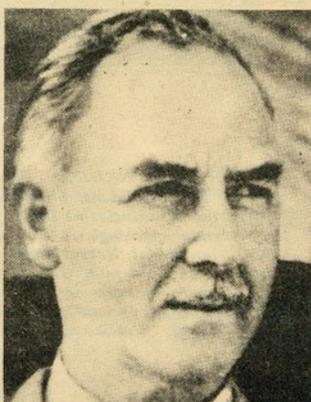
A MENSAGEM DO REI

Na véspera de se iniciar a ofensiva, o Rei dirigira, às tropas, por intermédio do sr. Churchill, uma mensagem especial em que as saudava e em que accentuava a importância decisiva da missão que lhes tinha sido confiada. Dessa mensagem constavam, entre outras, as seguintes passagens: «A todos os elementos do Exército, da Armada e da Aviação, exprimo a minha inteira confiança. Estou certo de que todos saberão cumprir, exemplarmente, o seu dever. Na batalha decisiva que vai iniciar-se, a devoção de todos é absolutamente necessária para que se alcance a vitória.»

Expondo a importância da operação em que iam envolver-se, o soberano dizia aos seus soldados, marinheiros e aviadores que compunham as forças do Deserto: «Pela primeira vez as forças da Grã-Bretanha e do Império britânico vão



Von Ravenstein foi o primeiro general alemão aprisionado



Cunningham abandonou, então, o comando do 8.º exército

defrontar os alemães com armas iguais e com um equipamento moderno que, sob todos os aspectos, deve considerar-se perfeito. A batalha e o seu resultado afectarão todo o curso da guerra. É agora o momento de desferir o mais pesado golpe para alcançar, rapidamente, a vitória completa que permitirá o vosso regresso ao lar e o restabelecimento da liberdade no mundo. O Exército do Deserto saberá, certamente, escrever uma página na nossa história, idêntica às de Blenheim e de Waterloo. Os olhos de todo o mundo estão postos em vós. Todos os nossos corações vos acompanham. Que Deus vos ajude é o nosso mais sincero desejo.»

Estas expressões traíam a maneira habitual com que o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, através de quem a mensagem real foi transmitida às tropas, costumava falar aos soldados quando se encontrava na sua presença, mostrando-lhes toda a significação histórica da sua decisão ao combater ali o inimigo. Mas, pela primeira vez, a mensagem continha alguma coisa de novo que se revestia de um significado especial. O sr. Churchill, e com ele a Grã-Bretanha, entendia que «pela primeira vez os ingleses defrontavam os alemães com armas iguais» e com um equipamento moderno e digno das tradições militares e do potencial económico do seu país.

A MISSÃO INICIAL DA AVIAÇÃO

Não se tratava duma afirmação gratuita mas da expressão duma convicção profunda. Essa expressão, revelada publicamente, implicava porém obrigações e constituía, por isso, uma decisão arriscada, sobretudo tratando-se duma personalidade com as responsabilidades do sr. Churchill que sempre se mostrara particularmente parcimoniosa quando se tratava de revelar ou fazer alusões, publicamente, a qualquer segredo de natureza militar.

Que elementos tinha o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha para supor que o armamento que os ingleses iam empregar na luta era tão bom como aquele de que os alemães dispunham e que, ao mesmo tempo, o equipamento que tinham para seu uso devia considerar-se moderno e perfeito, sob todos os pontos de vista? E se os factos viessem a desmentir essa confiança? Certo é que ela existia e o seu fundamento, embora relativo, não deixava de existir. A linguagem empregada pelo sr. Churchill, ao transmitir essa mensagem real, era sobretudo o produto das suas impressões pessoais, pois fóra ele, mais do que ninguém, que contribuiria para que o exército do Deserto tivesse à sua disposição as melhores armas de que a Grã-Bretanha e o seu Império dispunham naquela altura.

O material blindado e o material aeronáutico constituíam a principal preocupação do Primeiro Ministro. Mas se, quanto ao primeiro, as suas afirmações tiveram a plena confirmação dos acontecimentos, quanto ao segundo as suas expressões pareciam mais arriscadas e menos apropriadas às circunstâncias.

A aviação britânica estava, desde o início da batalha, dando no deserto excelentes provas. Logo no primeiro dia da ofensiva foram derrubados onze aparelhos alemães. Sete desses aparelhos eram do modelo dos grandes aviões de transporte «Junker», que tinham feito a sua aparição durante a campanha de Creta e constituíam uma das mais perigosas armas de guerra de que o comando alemão dispunha. O ataque aos portos de Napoles e de Brindisi, que se realizara simultaneamente com êxito, demonstrava a intenção firme em que os ingleses se encontravam de cortar a linha de comunicações que, pelo Mediterrâneo, permitia o reabastecimento do marechal Rommel e das forças do seu comando.

A DECISÃO DAS TROPAS

Talvez pela primeira vez depois dum longo período de desastres militares, as tropas britânicas que constituíam o Exército do Deserto estavam firmemente convencidas de que a vitória não deixaria de lhes pertencer. Este sentimento era compreensível e aparecia claramente expresso nos termos da mensagem real.

A ofensiva do general Wavell fóra, praticamente, uma medida de forças, uma experiência e um «test» em que o adversário era o soldado italiano. Mas o soldado inglês, cujas tradições de bravura ainda na guerra anterior haviam sido confirmadas pelos factos, desejava medir-se com o soldado alemão que até ali defrontara em condições de manifesta inferioridade, em Dunkerque, na Grécia e em Creta.

Pela primeira vez nesta guerra lhe diziam que as armas que empunhava eram iguais àsquelas que o seu adversário manejava desde o início das hostilidades, e isso dava-lhe naturalmente uma decisão nova que ia ser posta à prova nos combates violentos que se anunciavam.

Para mais o terreno em que a luta ia desenvolver-se era aquele que mais

podia favorecer o comando inglês, com uma larga tradição de guerras coloniais em que a sua competência sempre se afirmava servida por quadros de especialistas, de que esse comando não dispunha para fazer a guerra de tipo continental na Europa, tal como esta aparecia imposta pelos novos conceitos e pelas novas armas que a Wehrmacht consagrara desde os primeiros recontros ocorridos na Polónia.

No discurso que pronunciou na Câmara dos Comuns para dar conta dos resultados alcançados em África, o sr. Churchill referiu-se calorosamente a este estado de espírito e traduziu livremente a sua confiança na decisão da luta ao afirmar: «Uma coisa é certa. Todas as tropas incorporadas no Exército do Deserto estão animadas pelo desejo ardente de se medirem com o inimigo. Bater-se-ão, estou certo disso, com uma decisão firme de alcançarem a vitória medindo toda a importância de que esta se reveste. Uma vitória britânica na Líbia terá um efeito decisivo, não apenas no conjunto da nossa intervenção, mas no conjunto da guerra.»

AS PRIMEIRAS SURPRESAS

Estas declarações, animadas da mais absoluta confiança, foram feitas na sessão da Câmara dos Comuns de 20 de Novembro. O dia seguinte traria as primeiras surpresas para o comando britânico e para todos aqueles que, na metrópole, acompanhavam ansiosamente a marcha das operações em África.

Durante dois dias o desenvolvimento da luta prosseguira de maneira inteiramente satisfatória. As forças blindadas britânicas atingiram rapidamente a escarpa de Sidi-Rezegh, que distava apenas quinze quilómetros da cidade de Tobruk, há tanto tempo cercada, e que era necessário libertar. Esta operação, que inicialmente parecia fácil, começou entretanto a rodear-se de evidentes dificuldades.

A coluna blindada que tinha o encargo de rodear e tomar o sistema fortificado que Rommel fizera construir, e aquela que partira de Biarabub não encontraram grandes dificuldades para o desempenho das missões que lhes estavam confiadas. Perto de Bir-el-Gobi a divisão italiana «Ariete», que pretendia opor-se à marcha das forças blindadas britânicas, sofreu grandes perdas e foi obrigada a recuar. Mas era a coluna que tinha por missão avançar em direcção a Tobruk que se encontrava perante uma vigorosa resistência que se traduzia por contra-ataques cada vez mais firmes das formações blindadas alemãs.

Se o efeito da surpresa se fizera sentir inicialmente, as suas conseqüências não se prolongaram por muito tempo. Rommel procurou recuperar rapidamente o terreno e o tempo perdidos, contra-atacando com um vigor que não era, certamente, esperado pelos seus adversários. O que, por sua vez, não deixou de constituir uma surpresa que passou, a partir de determinado momento, a constituir um dos elementos determinantes da evolução da batalha.

A BATALHA DISPERSA

Rapidamente as características iniciais da batalha sofreram uma transformação radical. Duas acções simultâneas começaram a desenvolver-se no terreno da luta. A parte principal da batalha desenrolou-se à volta de Sidi Rezegh, entre as formações blindadas britânicas e as formações «Panzer» alemãs. Era um combate de carros no estilo clássico que seria decidido, em última análise, pela qualidade do material.

Ao longo da fronteira travava-se uma série de recontros, de aspecto e de importância local, que constituíam como que uma batalha dispersa cujo resultado não se destinava a influir na decisão final.

O primeiro objectivo de Rommel era retomar Sidi Rezegh, que passara para as mãos dos seus adversários no primeiro momento, e cuja importância se avolumava à medida que a batalha decorria. Uma vez instaladas em Sidi Rezegh, as tropas britânicas poderiam, com relativa facilidade, estabelecer contacto com a guarnição cercada em Tobruk e o primeiro e o mais importante objectivo da ofensiva ficaria assim, desde o início, alcançado. A luta desenrolada à volta de Sidi-Rezegh era, portanto, essencialmente a luta pela posse de Tobruk.

A pequena força britânica que tomara o aeródromo de Sidi-Rezegh foi violentamente contra-atacada, na noite de 20 de Novembro, e obrigada a abandonar aquela posição. Uma brigada sul-africana retomou o aeródromo, pouco depois, em conseqüência duma luta violenta travada com os alemães que ali se haviam instalado de novo.

Entre 21 e 23 de Novembro, a violência dos contra-ataques alemães recrudescceu. Rommel contra-atacava com carros, com aviação e com infantaria motorizada, e o comando britânico não teve mais dúvidas de que a luta ia ser muito áspera e que o resultado final dessa luta começava a estar na balança da sorte, ao contrário do que de comêço se supusera. Só a decisão do soldado e a aptidão do comando seriam capazes de modificar favoravelmente o curso dos acontecimentos.

A CRISE DA BATALHA

Os contra-ataques alemães puderam ser enfrentados sem transtornos de maior, a não ser os das inevitáveis perdas em homens e em material que estavam produzindo, até ao dia 23 de Novembro. Nessa altura a batalha entrou na sua fase crucial e começou a desenrolar-se desfavoravelmente para as forças britânicas. A crise teve o seu início na falta de munições com que o 8.º Exército começou a debater-se, a partir de determinado momento, e quando elas mais necessárias se tinham tornado.

A brigada do comando do brigadeiro Armstrong foi a que mais perdas sofreu nesta fase da batalha: cerca de mil e duzentos homens, entre mortos, feridos e prisioneiros. No número dos prisioneiros contava-se o próprio brigadeiro Armstrong.

A 4.ª divisão indiana e os neo-zelandeses continuavam, porém, a alcançar êxitos sucessivos sobre os seus adversários, graças à sua experiência e à aptidão dos seus quadros. Os indianos ocuparam Sidi-Omar e os neo-zelandeses flanquearam, com êxito, a linha fortificada alemã. Depois deste feito entraram na cidade de Bardia, que ocuparam durante algum tempo, e seguiram sem detença para Tobruk a fim de libertarem a guarnição que se encontrava nesta cidade.



O general Ritchie assumiu o comando do 8.º exército

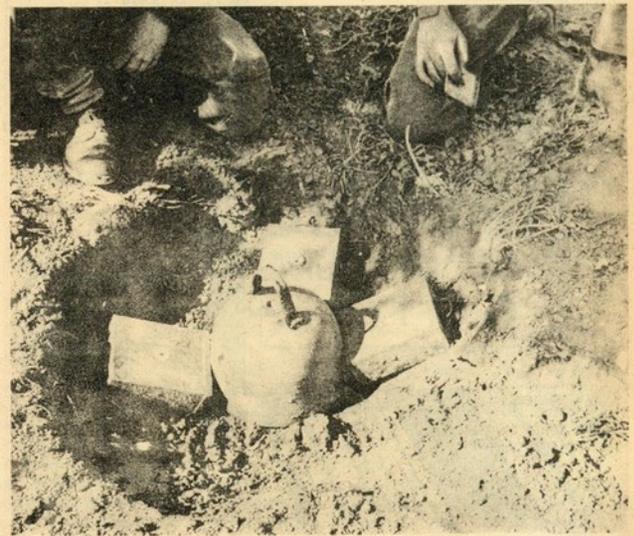
Os neo-zelandeses penetraram ao longo da estrada de Capuzzo, enquanto os destacamentos da guarnição de Tobruk faziam freqüentes surtidas a fim de estabelecer rapidamente contacto com os seus elementos avançados.

Durante estes combates, a divisão italiana «Bolonha» foi a que sofreu maiores perdas, podendo dizer-se que, ao fim da primeira semana de luta, se encontrava praticamente destruída. Mas a resistência do «Africa Korps» revelava-se cada vez mais vigorosa e essa circunstância contribuía para transtornar completamente a execução dos planos concebidos pelo comando britânico. Sobre tudo a crise revelava a deficiência evidente de alguns órgãos de execução que precisavam ser rapidamente substituídos, se o comando não quisesse correr o risco de ver malograr-se toda a ofensiva tão auspiciosamente desencadeada.

SUBSTITUIÇÃO DOS COMANDOS

Ao falar, em 11 de Dezembro, na Câmara dos Comuns para dar conta do que se passara em África durante essas horas difíceis, o Primeiro Ministro revelou as condições em que, no decurso da batalha, haviam sido substituídos alguns comandos. «A crise, declarou o sr. Churchill, atingiu o seu ponto culminante entre 24 e 26 de Novembro. No dia 24, o general Auchinleck chegou ao campo

(Continua na pág. 30)



Este modelo novo de mina empregado pelos alemães em África, promovia o retardamento no avanço das tropas aliadas

creme Eglon
VIREL



CONTEM TODOS OS ELEMENTOS
MODERNOS NECESSARIOS AO RE
JUVENESCIMENTO DO SEU ROSTO!

Instituto Virel
RUA DA SAUDADE, 2 A * LISBOA, TEL: 20472
PACO

FOTOGRAVURÃ
TIPOGRAFIA
O F F S E T
LITOGRAFIA



Fornecedores
do Estado
Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 21368-21227

PELES

A primeira casa especiali-
zada do país.

Manolita

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para
a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha
exclusivamente em peles, são dirigidos
por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende
a preços acessíveis.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961

O assassino de Valrio

(Continuação da pág. 32)

ainda debaixo do braço corri ao
Frinchedo, a abraçar o pacífico, e
bondoso Teotónio.

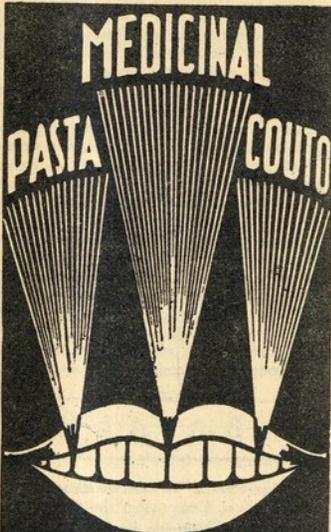
Rimos a não poder mais.

Descaia serena a tarde; o sol já
galgara a cumiada da serra, tudo era
paz e frescura por aquelas boas
terras. Os acordes de um píafaro so-
prado rijamente pelo Tóino da Ade-
lina chegaram aos ouvidos. Assom-
amos à varanda e o alegre moço,
desbarretando-se, gritou-nos enquan-
to fazia um salamaleque:

— Ó seu Teotónio, ó seu Pedro,
olhem que o marreco do Casalinho
«tá» lá à espera mais o «galiná-
co»...

Enfiámos o braço e fomos cami-
nhando estrada fora. Para lá do
monte do Brumeiro parecia lavar
um grande incêndio, cujo clarão lhe
purpurizava a cumiada e que vinha
gradualmente esbatendo-se até se
fundir no azul arroxado que tol-
dava o céu por tóbre as nossas ca-
beças. Já luzia a estréla da tarde,
primeira das lâmpadas que à noite
se acendem no firmamento e que,
rebrilhando, parecia enviar-nos um
terno adeus e para mim o desejo de
boas-férlas.

Estranhas, rocambolescas férlas
aquelas!...



TRATA

gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA

estomatites mercuriais
ou bismuticas

MATA

os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L.ª Pôrto

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA TEL. 2.8470

compra, vende troca,
emprêsta e leilão
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização
no seu género



A INDUMENTARIA DOS TOUREIROS



Nesta gravura, Gregório Jordán mostra-nos o antigo traje de tourear. Repare-se na esquisita «moña», na «coleta» enorme, no corte da jaqueta e na cinta larguíssima

QUEM assiste às corridas de toiros e vê o garbo dos toureiros, cobertos de seda e oiro, não faz idéia dos mil cuidados que requiere a sua «toilette». É uma infinidade de pequenas coisas, tôdas da máxima importância — «machos» a apertar, «caireles» que devem cair com graça, ligaduras e cintas que devem ficar rigorosamente ajustadas — tudo isso num conjunto tão complicado que se nos recordarmos que o traje completo pesa cerca de 12 quilos, chega a parecer impossível como em plena praça e diante do perigo os toureiros se podem mover com tão espantosa agilidade. E não se pense que desde sempre assim se vestiram. O que actualmente vemos é já a simplificação máxima de um traje que, infinitamente mais complicado e pesado era usado no tempo em que se lidavam toiros que pelo seu tamanho e poder exigiam naturalmente maior agilidade da parte dos toureiros. Se tivérmos ainda em conta que o estilo «parado» de tourear só apareceu com a moderna maneira de vestir, somos

forçados a concluir que os artistas de compleição franzina como Pepe Luiz Vasquez ou Manolo Bienvenida, há meio século não teriam podido dedicar-se à profissão que pelos motivos referidos parecia circunscrita a verdadeiros atletas.

Sem já nos reportarmos a Francisco Romero que, segundo gravuras da época, matou toiros usando um traje curiosíssimo — colete inteiro com cinto, calções de veludo atacados nos lados por grossos cordões, meia branca, sapato de fivela e gorra de lã — nem o Pedro Romero que vestia «casaquilla» e calção de seda levando na cabeça um comprido barrête de rede (tal como se apresentaram os «matadores» nas primeiras «goyescas» organizadas por D. Eduardo Pagés) mas apenas àquêle tempo em que o «traje de luces» já tinha semelhança com o que viria a ser, notaremos como principais diferenças a considerável modificação das dragonas que cobrem o ombro tapando a ligação da manga e o feitio da jaqueta e da «montera». As dragonas, que eram enormes, armadas em madeira e com grande profusão de enfeites, foram muito simplificadas; a jaqueta, agora de corte direito e adornada com artística sobriedade, tinha o feitio de «bolero» e a sobre-carregada de complicados bordados e compridos «caireles»; a «montera» sofreu tal modificação que um moderno aficionado em presença das que usaram «Espantero» ou «Pepe-Illo» preguntaria o que seria tão curioso traste.

São de notar ainda as modificações sofridas pelas «moñas», que eram disformes, semelhando uma exótica flor de inúmeras pétalas — de acôrdo com as compridas e grossas tranças que, ao contrário das «colectas» actuais, eram do próprio cabelo do toureiro — e as cintas e gravatas que hoje são simples tiras de seda, eram largas e berrantes de côr.

Apesar disso, vários toureiros têm ultimamente tentado uma simplificação mais profunda ainda, procurando aligeirar o fato, abolindo «caireles» ou matizando a seda os bordados metálicos das mangas e calções. Tais inovações porém, e felizmente, não têm feito moda porque prejudicam o tipo que só o «traje de luces» tal como está, sabe e pode dar.



Este rico fato de Gregório Garcia oferece-nos tôda a beleza do actual «traje de luces»

COMENTARIO

COISAS QUE NÃO ESTÃO CERTAS

SEENDO a corrida de toiros um espectáculo essencialmente estético em que todos os detalhes influem decisivamente para a composição do admirável quadro de luz que ela constitue, não se compreende que se admitam e aceitem coisas que a prejudicam em absoluto, precisamente sob o ponto de vista estético. Uma dessas coisas é a detestável emboiação com que nas nossas praças saem os pontudos destinados a lide por artistas nacionais.

Por melhor tipo que tenha um toiro, êsses esquisitos acrescentos furtam-lhe tôda a beleza e majestade. Impõe-se pois que se estabeleça a igualdade para todos os lidadores que pisam as arenas, sem distinções de nacionalidade, neste caso desprimorosas — ou pelo menos que se estabeleça o uso da emboiação à espanhola, que diminuindo o perigo não tira ao toiro o seu nobre aspecto.

Se quasi todos os bandarilheiros portugueses estão já habituados a fazer parte das «quadrilhas» dos «espadas» que nos visitam e portanto familiarizados com a lide em hastes limpas, embora com as pontas serradas (o que achamos razoável pois não se permitindo a morte do toiro deve limitar-se o perigo da colhida) porque não hão-de os cavalleiros exigir outro tanto, uma vez que quasi todos têm actuado em Espanha? Pelo perigo a que as montadas ficam expostas, sobretudo na lide de toiros de pouca ou nenhuma casta?

Utilize-se então a emboiação metálica.

O necessário é que se acabe com o que só serve para tirar beleza ao espectáculo, sobretudo quando simultaneamente saem dos currais toiros em pontas e embolados, o que chega a dar a impressão de que se estão correndo duas espécies distintas de animais.

E tanto assim é, que na tourada inaugural do Campo Pequeno, uma jovem aficionada, possivelmente vendo pela primeira vez o espectáculo, preguntava ao seu companheiro se os toiros para a lide egípcia eram africanos, tão diferentes se mostravam na armação!



Esta expressiva cabeça de toiro de lide, admiravelmente desenhada por Jean Palum perderia tôda a arrogância se lhe collocassem as detestáveis emboiações.

CAPOTAZOS

O PÚBLICO É SOBERANO



Manolo Ortiz brindou a «faena» do último toiro da corrida de domingo de Páscoa a Gregório Garcia. No final o mexicano desceu ao redondel para felicitar o espanhol. Houve abraços e outras manifestações recíprocas de boa camaradagem, tendo o público envolvido ambos numa ovação calorosa. Agora anuncia-se que Ortiz será o companheiro de Gregório no dia 30. Não se pode, pois, dizer que não seja uma «combinação» exigida pelo público. Assim o quis, assim o tem.

ORIGINALIDADE



Chega-nos a notícia de que, em Espanha, vão ser instituídos prémios a conferir ao melhor toiro lidado durante o mês de Outubro; como à melhor «faena», a estocada, par de bandarilhas, vara, etc., executadas no mesmo mês.

Entre as várias distinções, figura a «montera» de oiro com o direito do contemplado a usar durante a época seguinte como insignia honrosa. Não fazemos idéia do que seja uma «montera» de oiro; cremos, porém, que deverá ser doirada, com

o que não podemos concordar, pois em tais condições um toureiro ficaria pouco menos que caricato.

Se é verdade que êstes certames servem para espavitar brios e vontades, não se pode esquecer que devem assentar em moldes que garantam uma selecção quanto possível justa, o que nos não parece viável no caso presente, pois, sendo tantas as praças de Espanha e tão diversos os pareceres de quem vê, não será possível uma uniformidade de julgamento.

OS 100 PESOS DE GAONA



É sabido em todo o México que Rudolfo Gaona, que foi o maior toureiro de além Atlântico, tem demasiado amor ao dinheiro, evitando tôdas as despesas supérfluas, apesar da sua considerável fortuna. Uma tarde, porém, na praça de «El Toreo», tendo-lhe Gregório Garcia brindado a morte do Toiro, no fim da «faena» Gaona restituiu-lhe a «montera» collocando-lhe no interior uma nota de 100 pêsos. Como Gregório tivesse cortado a orelha desse toiro e alguém o referisse com entusiasmo, volveu um velho aficionado que escutava:

— Orelhas todos os toureiros apanham... mas apanhar 100 pêsos a Gaona é que foi «faena» de espantar... daquelas que só se fazem uma vez na vida!

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

de batalha e no dia 26 procedeu à substituição de comandos que foram impostas pelas circunstâncias em que a luta estava a decorrer. O general Cunningham, que comandava o 8.º Exército, abandonou estas funções, sendo substituído pelo general Ritchie, um oficial relativamente novo. O general Cunningham, que prestara excelentes serviços durante a campanha da Abissínia, estava cansado e necessitava um longo período de repouso que lhe foi concedido. Esta modificação foi plenamente aprovada pelo governo ao dar-se conta das condições em que ela foi realizada.

O general Ritchie assumiu o comando do 8.º Exército e comandou-o durante os dias que se seguiram com incontestável perícia. Mas é necessário acrescentar que, durante essa fase da luta, o general Auchinleck se conservou no campo de batalha e que portanto foi a ele que coube o comando supremo das operações. Qualquer que seja a sua decisão final, pode dizer-se, com propriedade, que esta batalha é a batalha do general Auchinleck.»

O Primeiro Ministro queria, assim, distinguir as responsabilidades da direcção política da guerra, que assumia inteiramente, da acção do comando local pela qual ele não podia evidentemente responsabilizar-se. Entretanto nesse discurso o sr. Churchill reconhecia, francamente, que as primeiras esperanças tinham sido, em boa parte, desiludidas e que era necessário confiar no futuro. Os ingleses tinham feito prisioneiro um dos mais brilhantes oficiais alemães do «Afrika Korps», o general Ravenstein, que era justamente considerado um dos mais hábeis especialistas da guerra no deserto que combatiam incorporados na Wehrmacht.

(Continua)

STOP

Radio GRAMOPHONES
HIS MASTER'S VOICE
 Est. VALENTIM DE CARVALHO
 Rua Nova da Almada, 97

Visado pela Comissão de Censura
 Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), L. da
 Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

TELEF. — 2 0244
 TELÉG. — PAPEL CAR

SECÇÕES DE VALORES/FEIJADO/ E TABACARIA

Papelaria
Carlos
 de Carlos Ferreira, L. da

RUA DO OURO, LISBOA

GRANDE SORRISO DE ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRITÓRIO

P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelarias e Tipografias
 Depósito geral:
Amador A. Domínguez & C.ª (Filho)
 Rua dos Correiros, 70
 LISBOA
 End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854

PAPYRUS
 Extra Strong

UMA GOTA DE «HERPETOL»
 e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogas
 Preço avulso: 11\$00

Uma defesa permanente contra as bactérias e uns dentes sãos e brancos terá V.ª Ex.ª na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

CLIPER'S

Apresenta a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em

5 CÔRES

A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDOIR» tradução portuguesa da marca de exportação

Côr Thirone para cabelos pretos

Côr Gable para cabelos castanhos

«CLIPER»
 e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

Côr Douglas para cabelos louros ou claros

Côr Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

INCOLOR
 PARA TODOS OS CABELOS
 BOIÃO 16\$00

A venda em todas as boas casas

Composição: Mentolum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs. — Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
 ANALGÉSICO
 GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

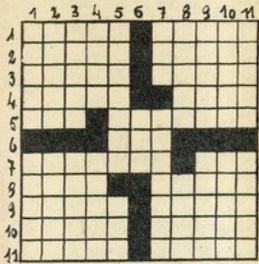
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 24

Por Artur Mário da Mota Miranda (Faro)



Enunciado.

HORIZONTAIS: 1—Que tem olhos azuis claros; soldado argentino, ao serviço da França. 2—Arremessa; ave africana. 3—Enganar; ligeiros. 4—Planta leguminosa; encolerizal. 5—Maior; ordem dos répteis. 6—Sinal gráfico. 7—Jubiloso; insignificante. 8—Verbal; dia em que se celebra o nascimento de J. C. 9—Ramo de árvore; pêlos do pescoço e da cauda do cavalo. 10—Plantio de amieiros; espécie de coqueiro. 11—Messe; planta de ornamentação.

VERTICAIS: 1—Planta espinhosa da Arábia; suplicas. 2—Ocasão; ferro puxado à fiação. 3—Versejar; flor. 4—Juglar; isolar. 5—Diálogo entre marido e mulher; onda. 6—Gemidos. 7—Mais; tumor das gengivas. 8—Purificar; sulcam. 9—Um; inflamação do ouvido. 10—Pendão; estreito. 11—Terreno coberto de vegetação no meio do deserto; árvore leguminosa.

PROBLEMA N.º 23

Solução

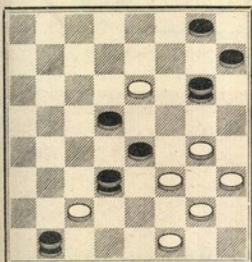
HORIZONTAIS: 1—Lar; par. 2—Caro; izar. 3—Ia; raso; és. 4—Dia; só; elo. 5—Ariolomanclo. 6—Rio; mao. 7—Ora; ata. 8—Desassissaram. 9—Oco; ar; aro. 10—Mo; miam; mi. 11—Saia; isso. 12—Sal; ata.

VERTICAIS: 1—Ida; dom. 2—Cair; ecos. 3—La; aroso; as. 4—Ar; oira; ia. 5—Ror; loas; mal. 6—Aso; sal. 7—Som; via. 8—Flo; amas; mia. 9—Az; nata; sl. 10—Ra; ecoara; Sa. 11—Rel; armo. 12—Soa; mol.

DAMAS

PROBLEMA N.º 21 (Concurso)

Por Raúl Duarte Girão (Pernes)

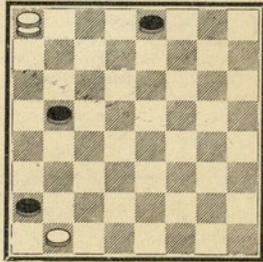


Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 5 (Concurso)

Por Bomfilho Augusto Gomes (Vila Viçosa)

(Dedicado ao grande técnico «damista» Francisco A. Henriques, de Almeirim)



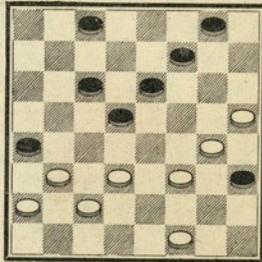
Jogam as brancas e ganham.

JOGO N.º 7

Este jogo foi disputado entre os fortíssimos «damistas» Albino Martins (Branças) e Luis António David (Pretas).

Branças (A. Martins)	Lances	Pretas (David)
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
11-15	3.º	27-23
9-13	4.º	21-17
7-11	5.º	17-10
6-13	6.º	25-21
13-17	7.º	21-18
5-10	8.º	18-13
3-9	9.º	23-20
1-5	10.º	13-9
10-13	11.º	20-16
4-7	12.º	32-28
5-10	13.º	28-23
15-20	14.º	24-15
11-27	15.º	30-23
6-11	16.º

Posição do jogo ao 16. lance das brancas



.....	16.º	29-25
11-15	17.º	25-21
15-20	18.º	19-14
10-28	19.º	31-15
12-19	20.º	22-15
7-11	21.º	15-6
2-11	22.º	9-5
11-14	23.º	5-1 (D)
13-18	24.º	1-19
18-25	25.º	26-21
17-26	26.º	19-29

PROBLEMA N.º 15

Solução

9-13	11-15	2-5	10-13
18-9	4-18	9-2	2-27

13-31 ganham.
P.

PROBLEMA N.º 16

Solução

15-19	10-14	6-10
29-15	11-18-31	17-6

2-11-20 ganham.
P.

PROBLEMA N.º 20

Solução

7-11	9-13	3-7	11-15
10-1 (D)	1-19	12-3 (D)	3-26

15-29(D) ganham.
P.

FINAL DE JOGO N.º 4

Solução

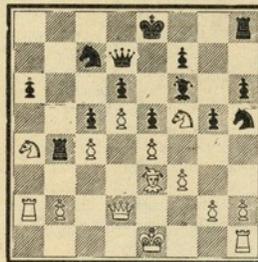
11-6	6-17	17-3	2-5
19-14	14-11	25-21	21-18

5-10 10-13 3-10 ganham.
11-6 18-9 P.

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO N.º 9

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as brancas.

MOMENTO CRÍTICO N.º 8

Solução

Partida Brinckmann-Kassel: CxP+, alcançando a vitória.

CHARADAS

SINCOPADAS

1) O ouro torna muita gente cruel — 3-2.

Lisboa Teimar

2) A raparigada de hoje, para o namôro tem arte — 3-2.

Lisboa Teimar

3) A confusão, nos tímidos, é vulgar — 3-2.

Lisboa Pato Bravo

4) Acudir à angústia que assola o mundo, deve ser o nosso primeiro pensamento — 3-2.

Lisboa Pato Bravo

EPENTÉTICAS

5) Exijo a minha parte — 2-3.

Lisboa Miúdinho

6) Supremo dever de todos os portugueses: manter o nosso país num nível superior — 2-3.

Lisboa Miúdinho

Ventura procura...
Por ZÉCO



— Está lá!... Donde jala?... É da firma Abastecedora de Viveres & C.º, L.ºa?!... Muito bem! Podia fazer-me a fineza de mandar chamar ao telefone o sr. Honesto?... Pois sim, eu espero um momento!...



...Estou!... Estou!... Não!... Não é o sr. Ernesto!... Honesto foi por quem eu perguntei!... O quê?... Não há lá nenhum senhor Honesto?!



Ora esta! Já telefonei para todas as Comissões Abastecedoras... Onde diabo se terá metido este mitológico homem que não se encontra em parte nenhuma?!

O assassino de Valrio

Novela de Fernando Alberto Pimentel — Desenho de Stuart

Estranhas, rocambolescas aquelas férias.

* * *

Quando desci do combóio, no apeadeiro de Brumal para fazer a pé os quatro quilómetros que dali dista Valrio, pensava na alegria que ia ter ao ver o Largo da Fonte, as suas casinhas caiadas, algumas com vicosas latadas, a oficina do Chico ferrador; ouvir o barulho ritmado do malho sobre a bigorna, sentir a tranqüilidade de Valrio, ao sol da tarde poética de Maio encantador.

Na estrada só eu, e muito mais além, num carroeiro que coleava pela serra, um burro «tóc-tóc» carregado não sei de quê e seguido por uma criatura que a distância me não deixava afirmar se adulto se criança. Havia saído daqui, porque sempre fora anseio meu governar vida por outras bandas, e o meu sonho era a cidade, donde o António da Rita viera, e contava que por lá havia uns carros amarelos, com um pau espetado preso a um longo arame, e que andavam sôzinhos.

Sai de Valrio ainda menino e moço, e depois de haver curtido as primeiras saúdes do meu torrão, da minha aldeola, fiquei-me pela cidade, peguei a trabalhar, e o trabalho é coisa boa para espalhar saúdes e secar lágrimas.

De todo o rapazio que comigo ia para as lagôas do Pedral, às rãs, e para os pomares do Matoso, aos marmelos, sentia a falta; mas quem eu lastimava não ter a meu lado era o Manuel Teotónio, o filho do Meneses do Casal do Frinchedo.

Vai daí, tantos anos se passaram, que resolvi descansar uns dias nas famosas terras de Valrio, cujas parreiras dão o vinho celebrado em vinte léguas em redor, que embebedava todos os dias o Simão, o bom caseiro de grandes bigodes das terras do Tramagal.

Parece-me que revejo Valrio numa tarde de Agosto. No vale a poalha de ouro dum reluzente sol, que ainda não ultrapassara os contornos da serra.

Silhuetas que se estendem por toda a planície, homens que trabalham entre suculentos pomares e pingues terras de sementeira.

E, lá para diante, muito longe, um chiar contínuo e gemente, um ritmo nostálgico que a tarde, na sua viração dolente, traz até nós: um carro de bois, pesado e lento, carregado de mato e doirado de sol.

* * *

Mas, qual o meu espanto ao chegar!

Em vez do tranqüilo Largo deparou-se-me um outro, onde avultavam grupos, discorrendo sobre aquêle caso grave, que lhes vou contar. Ia a entrar na venda do Tóino, onde se vende desde o carrascão às hostias para a dor de cabeça, desde os tamanços de madeira às cuecas de estôpa e às camisas brancas com espiguilha, para mulher, quando eu, ao cruzar um grupo de homens, que arrimado aos seus varapaus, de barrêtes e calças desbotados, tão desbotados como as cintas que deviam ter sido prêtas e agora eram arruivadas, ouvi:

— «Eh! home dum raio, arrengado seja eu se aquela fera, aquêle filho do demo, não arranca ainda a pele e deixa a ganir, nos

lagedos do Pedreirinho, uma criatura de Deus. Cá a mim, se fôsse homem de leis, vá que mandava de galgar por êsses sarráscos, e fazia uma batida que a fera não tinha mais ânimo para retraçar uma pessoa».

Um velhote que confiava as longas barbas, botou então nessa altura a sua fala mestra: — «Quem havia de dizer, ó Manuel, que o Titó, que tão sossegado era, lhe havia de passar pela transmontana tal coisa.

Pobre da mulher; retraçada assim sem mais aquela, zás, um bocado da orelha fora e os olhos todos em sangue. «Nan», que se fôsse eu metia-o na cadeia, sem comer a ponta dum chavelho durante uns dez dias, e depois vá de esfolar, e a pele a curtir ao sol durante um rôr de tempo».

Não sei como resisti a tamanho suplicio. Quem era o Titó?

Só podia ser o Manuel Teotónio do Frinchedo, e que sossegado êle era! De quando em quando um rompante, mas aquilo era sol de pouca dura. Parece-me que estou a vê-lo, naquele dia que fomos ao Brumal, à quinta do Ermidão. Levávamos no bolso alguns patacos, coisa de nada para petiscar qualquer coisa. Mas eis que topámos na estrada uma mulher com um filho ao colo suplicando uma esmola. E o bom do Teotónio saca de todo o dinheiro que levava e dá-lho. Depois volta para mim a sua face risonha e diz-me:

— Não te rales, meu velho, que o caminho é curto e a fome não aperta.

A sua bondade era conhecida em todos os casais e quintas.

Êle era o meu, o nosso, o grande amigo de todos. Ao pensar que êle tivesse cometido o nefando crime de bater numa mulher e ainda por cima lhe comer metade de uma orelha, senti-me contristado a tal ponto que recolhi à pensão de Valrio, sumi-me num

pequeno quarto, lastimando a idéia piegas de ir visitar a aldeia e o Titó — sabia agora ser essa a sua alcunha — e ainda mais me atormentava ao pensar que, se êle fôsse apanhado, estaria à mingua de pão, e depois lhe crestariam a pele um «rôr» de dias. Mal podia dormir pois me atormentava a visão de um corpo sangrando e mais tarde suspenso a um ramo de ulmeiro, servindo de espantalho e gáudio ao rapazio, uma pele, mas humana!

Maldisse então a terra onde nasci, a aldeia brutal e selvagem e resolvera partir, o que teria feito se não fôsse o acontecimento que então se deu.

Comecei fazendo a mala, lastimando a fatídica ocasião em que viera visitar o Titó. Para pedir à Senhora Maria a minha hospedeira de Valrio, certas informações, toquei a campainha de barro que ela me pusera no quarto, ao lado da palmatória. Não acabara ainda de repenicar a campainha, quando, emoldurada nos alizares da porta, me surge a figura rotunda da boa Maria. Limpou as mãos ao avental de chita e, sem me deixar falar:

— Já sabe? Depois de baterem maço, encontraram o «Titó» encurralado num tojal. Parece que o vão matar. Coitado!

Fugia-me o chão de baixo dos pés e empunhando ainda um par de cuecas que estava para meter na mala quando a Senhora Maria surgiu, deixei-me cair pesadamente sobre o leito exclamando:

— Pobre Teotónio! Meu bom amigo!

Vai a mulher, larga uma sonora, prolongada gargalhada, que lhe fez limpar com o avental lágrimas de alegria e explicou-me, por entre frouxos do riso que ainda não se extinguiu:

— O Titó, home de Deus, é o cão do Teotónio, um «lôbo» que êle tem e que mordeu a Rosa da Azenha.

E ainda descendo a escada para a cozinha, que era nos baixos da casa, a mulher ia casquinhando e dizendo:

— Ora o raio do home!

Não esperei por mais nada; galguei a escada, precipitei-me para a rua e, de cuecas

(Continua na pág. 28)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.ª — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844